ele ela

Como Melhor da PENTHOUSE

ANELISE
A FAVORITA DE BOB GUCCIONE

RENAN
O ASTRO DO VÔLEI CONQUISTA A ITÁLIA

FERRARI
QUATRO DÉCADAS DE UM SONHO

CÂMBIO
O MAIS NOVO JOGO DA FORTUNA

SURFISTAS
GANHANDO A VIDA SOBRE AS ONDAS

AVENTURA
O DIÁRIO DE UM BRASILEIRO NO PARIS—DAKAR

Nº 238/NCz$ 2,00/PROIBIDA A VENDA A MENORES DE 18 ANOS/MANAUS, BOA VISTA, ALTAMIRA E SANTARÉM (VIA AÉREA), NCz$ 2,30/ANO XX/ABRIL DE 1989

ela

CAPA

Aneliese 51
Por Tina Rossi.

CHARM

Christina 36
Por Paollo Tallarigo.

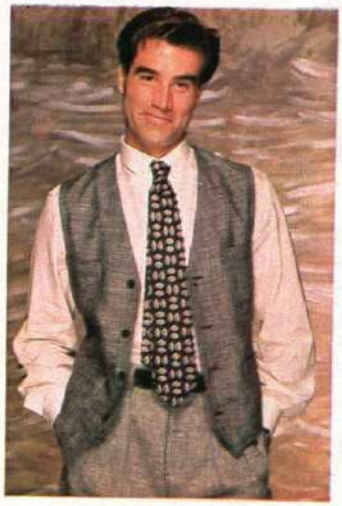
Anne-Caroline 86
Por Michel Moreau.

Corinna 106
Por Otto Weisser.

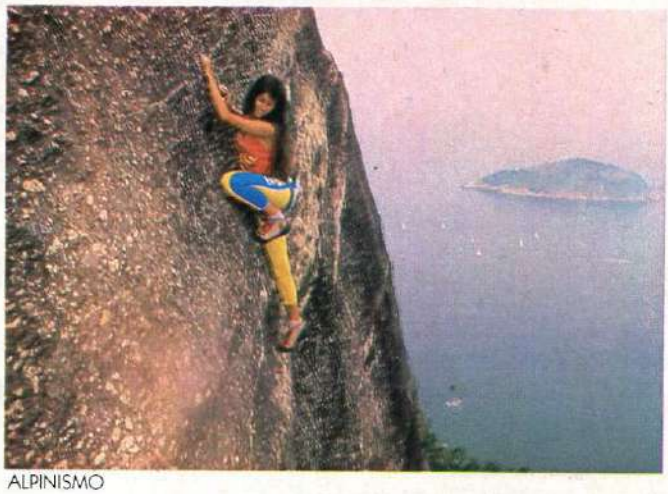
ENTREVISTA

Renan 68
Por Oswaldo Salomão.

ANELISE



OUTONO-INVERNO DO HOMEM



ALPINISMO

DRINQUES

RESTAURANTES SP

FERRARI

REPORTAGENS

A Escalada da Beleza 16
Por Henrique Koifman.

Moeda Estrangeira 24
Por Lisa Collier Cool.

Os Perigos do Deserto 28
Por Klever Kolberg.

Ferrari 30
Por Sérgio Costa.

Os Surfistas 44
Por Luciana Tecidio.

Zico 48
Por Marcos Tardin.

Restaurantes de São Paulo 80
Por Mônica Martinez.

SÉRIE

As Musas dos Anos Loucos-VI 76
Por Roberto Muggiati.

SEÇÕES

Panorama 6
Para ler a dois.

Áudio & Vídeo 64
Por Selmo Leisgold.

Moda 94
Por Beto Simões

Black-Tie 100
Por José Rodolpho Câmara.

Humor 114
Por Marco.

ANO XX/Nº 238/ABRIL DE 1989

ela

CHRISTINA

Fotos de PAOLO TALLARIGO • Produção de FRED AYRES

Você conhece esta graça de mulher Você já a viu num sem-número de anúncios de produtos internacionais veiculados nas nossas tevês. Já pôde vê-la, também, em alguns filmes italianos, aos quais emprestou sua beleza. Mas só aqui você pode apreciar Christina Peake por inteiro. Aproveite.

ela

CHRISTINA

Fotos de PAOLO TALLARIGO • Produção de FRED AYRES

Você conhece esta graça de mulher. Você já a viu num sem-número de anúncios de produtos internacionais veiculados nas nossas tevês. Já pôde vê-la, também, em alguns filmes italianos, aos quais emprestou sua beleza. Mas só aqui você pode apreciar Christina Peake por inteiro. Aproveite.

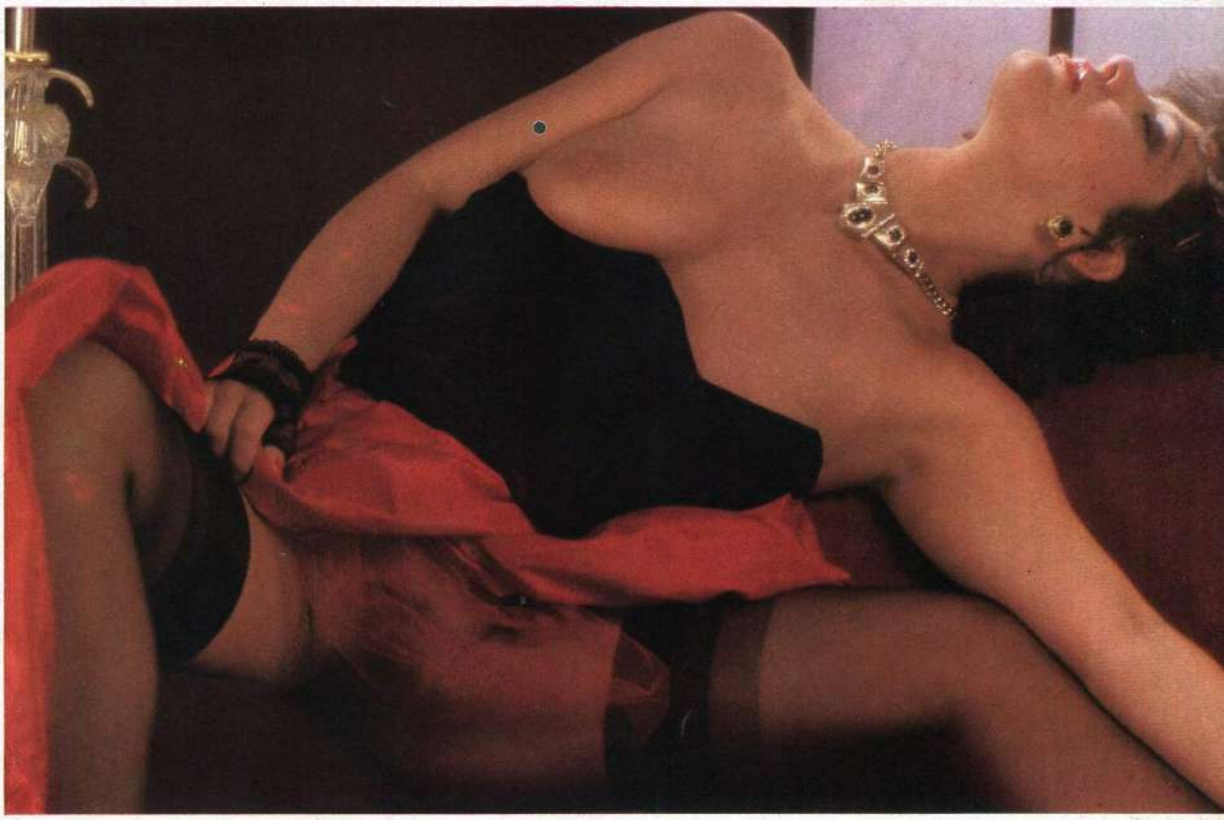
De formas perfeitas, Christina busca, ela própria, a perfeição: "No cinema, na tevê, nas passarelas e nos estúdios fotográficos, procuro dar sempre o melhor de mim." E aqui está o melhor de Christina Peake, uma gata apaixonada pelo Brasil e os brasileiros, a quem visita a cada verão. "No Rio me sinto mais mulher" Como se ainda fosse preciso.

AdultMagazinesPDF.com

FREE DOWNOAD VINTAGE ADULT MAGAZINES PDF

Mayfair, Men Only, Fiesta, Escort, Knave, Penthouse, Playboy, Hustler, Color Climax, Silwa, Razzle, Adam Film World, Gent, Juggs, High Society, Oui, Private, Playmen and more ...!

https://adultmagazinespdf.com/



Os olhos e os lábios de Christina têm feito vender produtos de beleza pelo mundo inteiro. De fato, o rosto — e o resto — harmonioso desta italiana descendente de brasileiros compõe um padrão apreciado por gente de todos os continentes.

Melhor da PENTHOUSE

ANELIESE

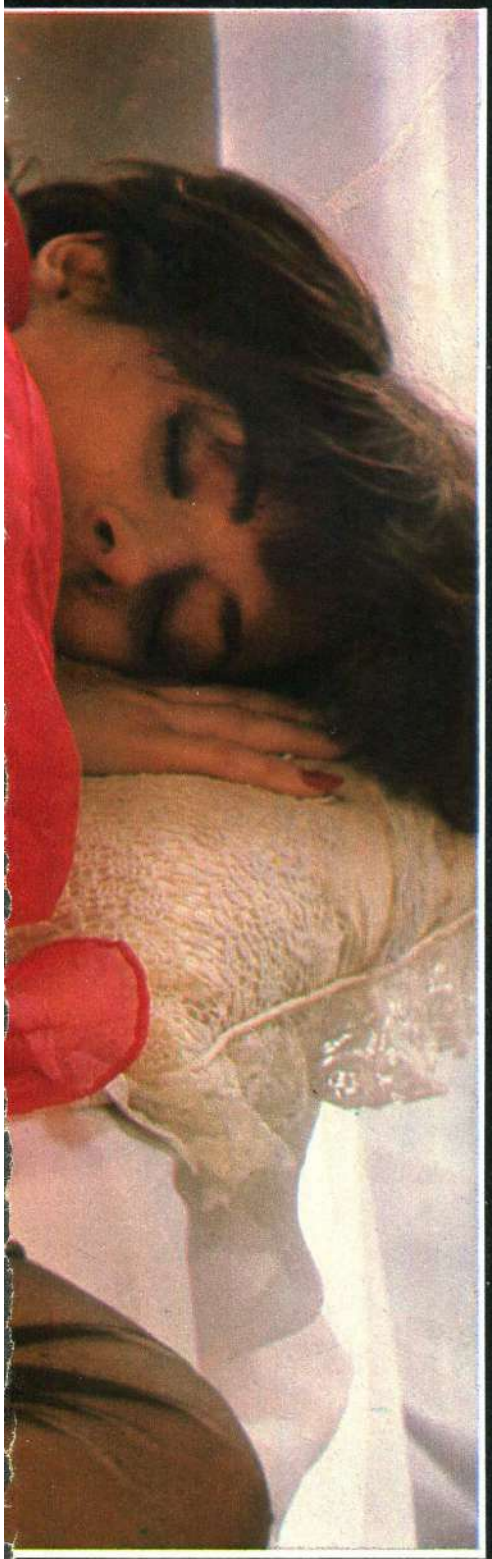
"Quero ser o tipo de mulher que provoca sensações, que transforma a vida num grande romance." Mais que uma frase, esta é a filosofia de Aneliese Nesbitt, uma londrina de 23 anos que foi escolhida por Bob Guccione como Gata do Mês da revista *Penthouse*. Olhem bem o rostinho da foto. Apreciem o que vem nas páginas seguintes. E pensem: que sensações Aneliese provoca em vocês?

Fotos de TINA ROSSI

Copyright © 1989, Penthouse International, Ltd.

O Melhor da PENTHOUSE

ANELIESE



Melhor da PENTHOUSE

ANELIESE

O Melhor da PENTHOUSE

ANELIESE

Aneliese ama descobrir e descobrir-se. "O gostoso é ir aprendendo aos poucos sobre os outros e sobre si mesma", ela diz, procurando resumir, em cada frase, seu pensamento e seu estilo. E acrescenta: "É muito bom ver — mas é melhor ser vista!"

Melhor da PENTHOUSE

ANELIESE

Playboy Media PENTHOUSE

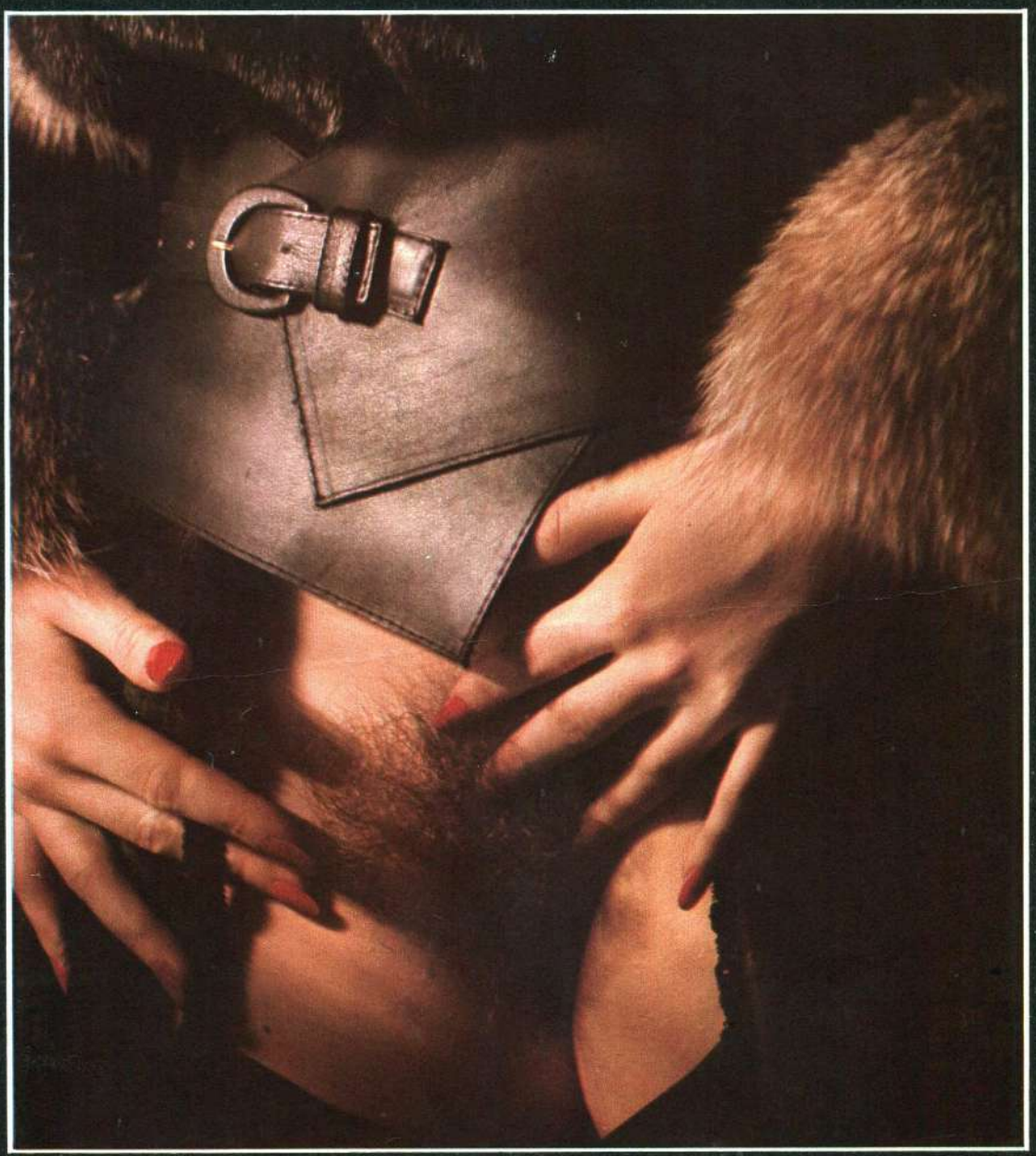
ANELIESE

O Melhor da PENTHOUSE

ANELIESE

Qual é o tipo de homem dos sonhos de Aneliese? A faixa de idade é ampla: dos 20 aos 40. O temperamento, definido: que tenha, sobretudo, um excelente humor. Quanto ao físico, ela é rigorosa: que a forma seja ótima. É claro que Aneliese merece realmente o melhor. Alguém ainda duvida?

Melhor da PENTHOUSE

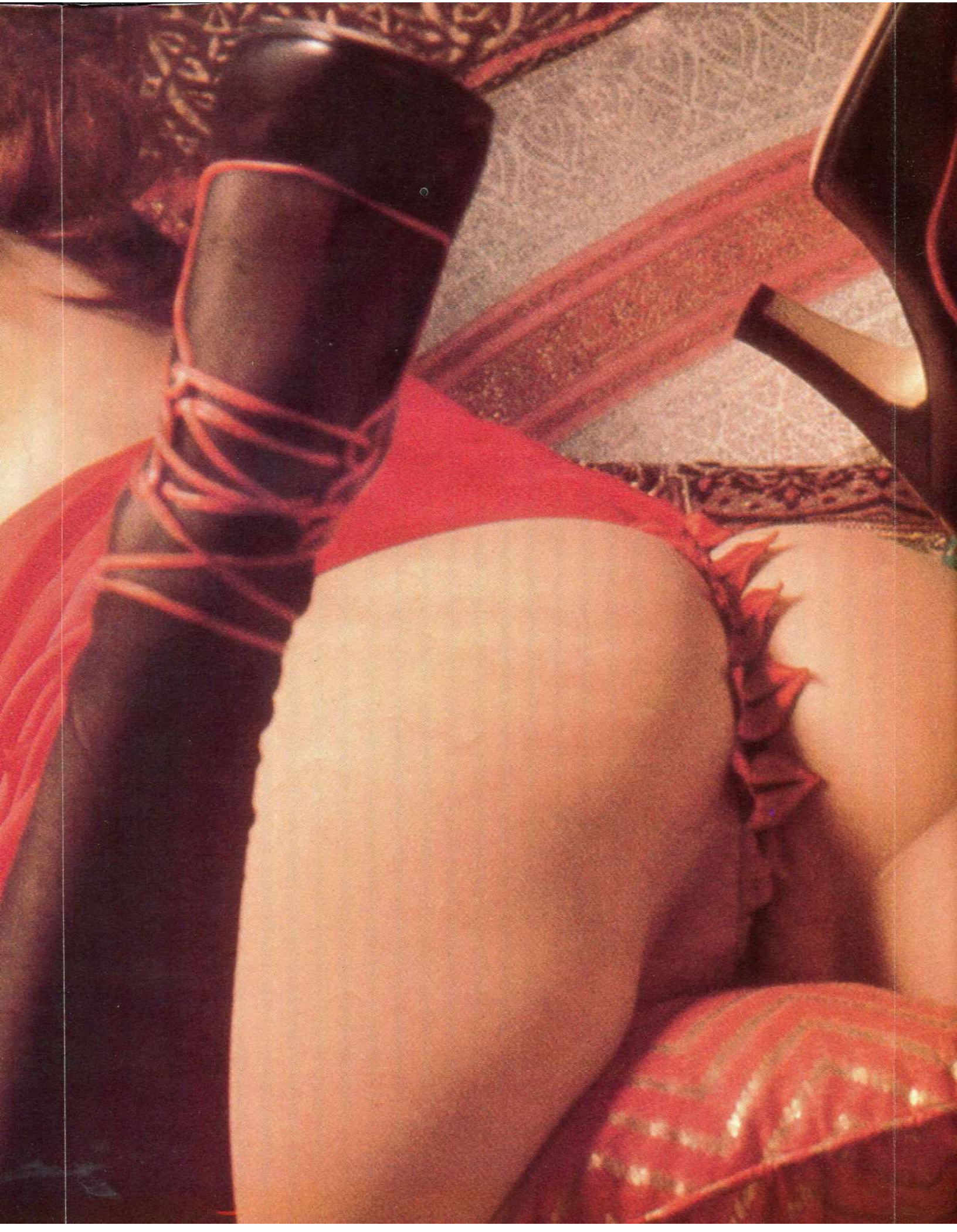


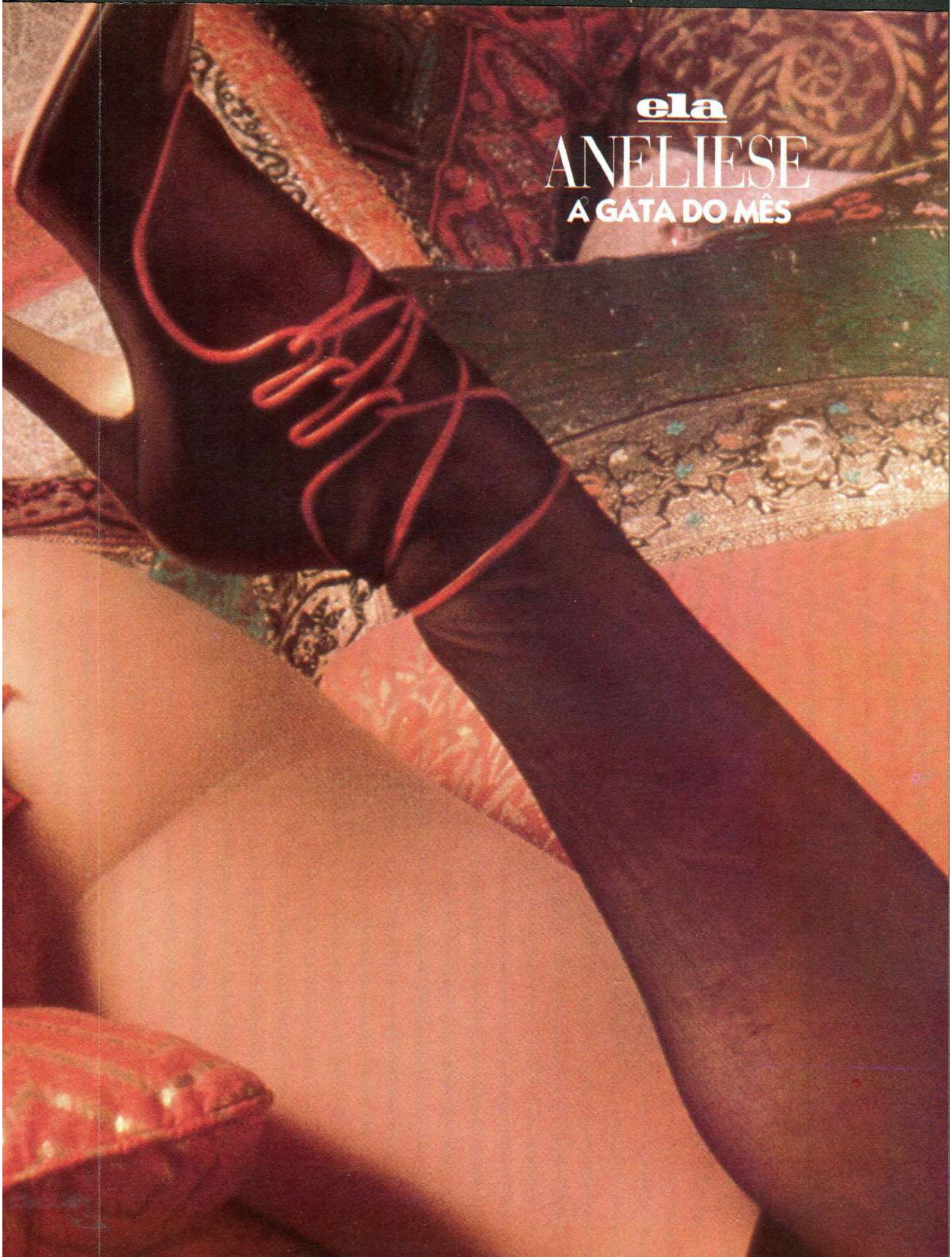
ANELIESE

O Melhor da PENTHOUSE

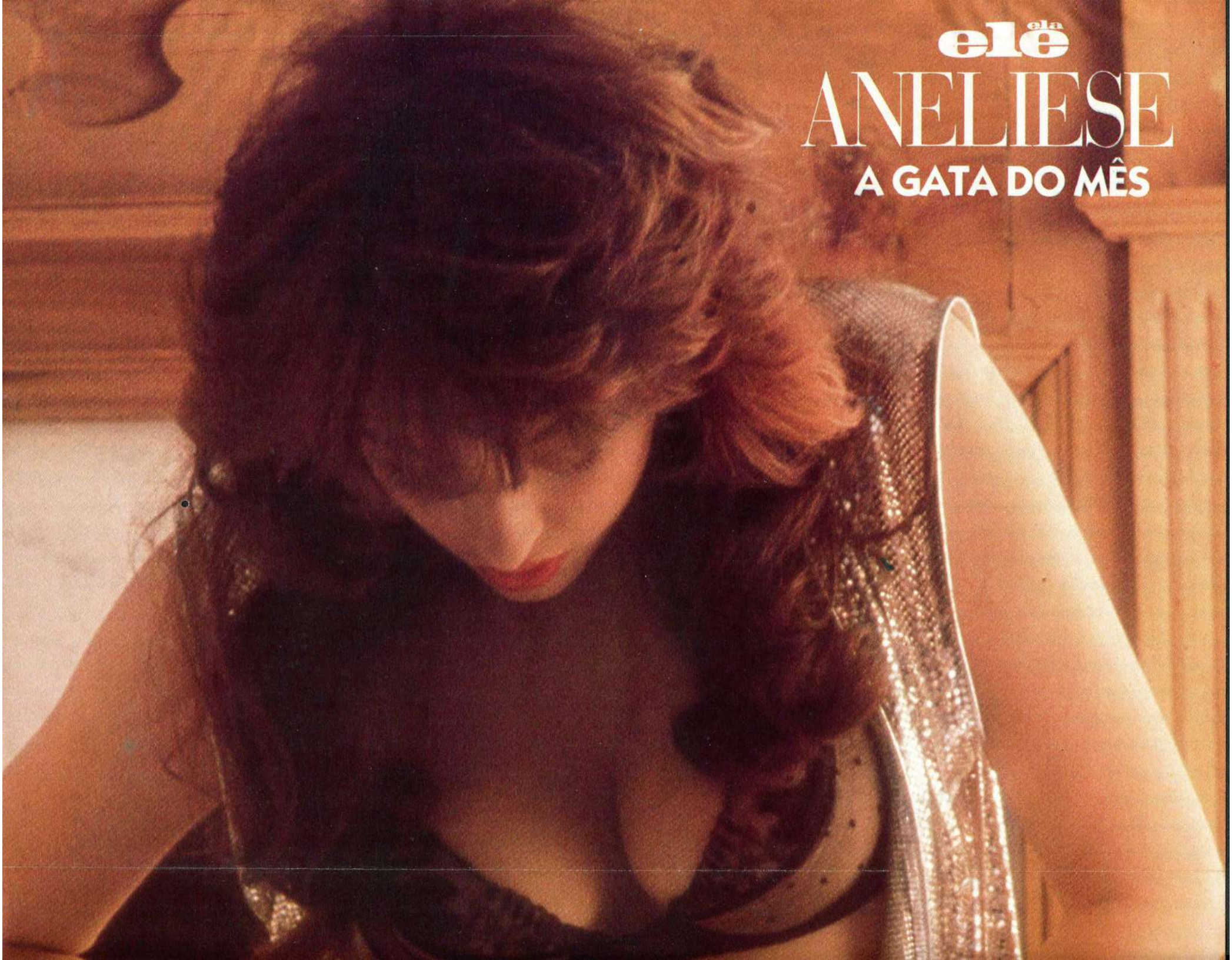
ANELIESE

Sonhos? Aneliese tem muitos — ela acha até que sonha alto demais. Quando julgar que sua carreira de modelo tenha atingido o máximo, ela quer dedicar-se à literatura, tornar-se uma autora de romances. Só tem uma dúvida: "Talvez os leitores não estejam prontos para entender meus pontos de vista." Talvez. Mas, sob o nosso ponto de vista, Aneliese está fora de qualquer dúvida.




ela
ANELIESE
A GATA DO MÊS

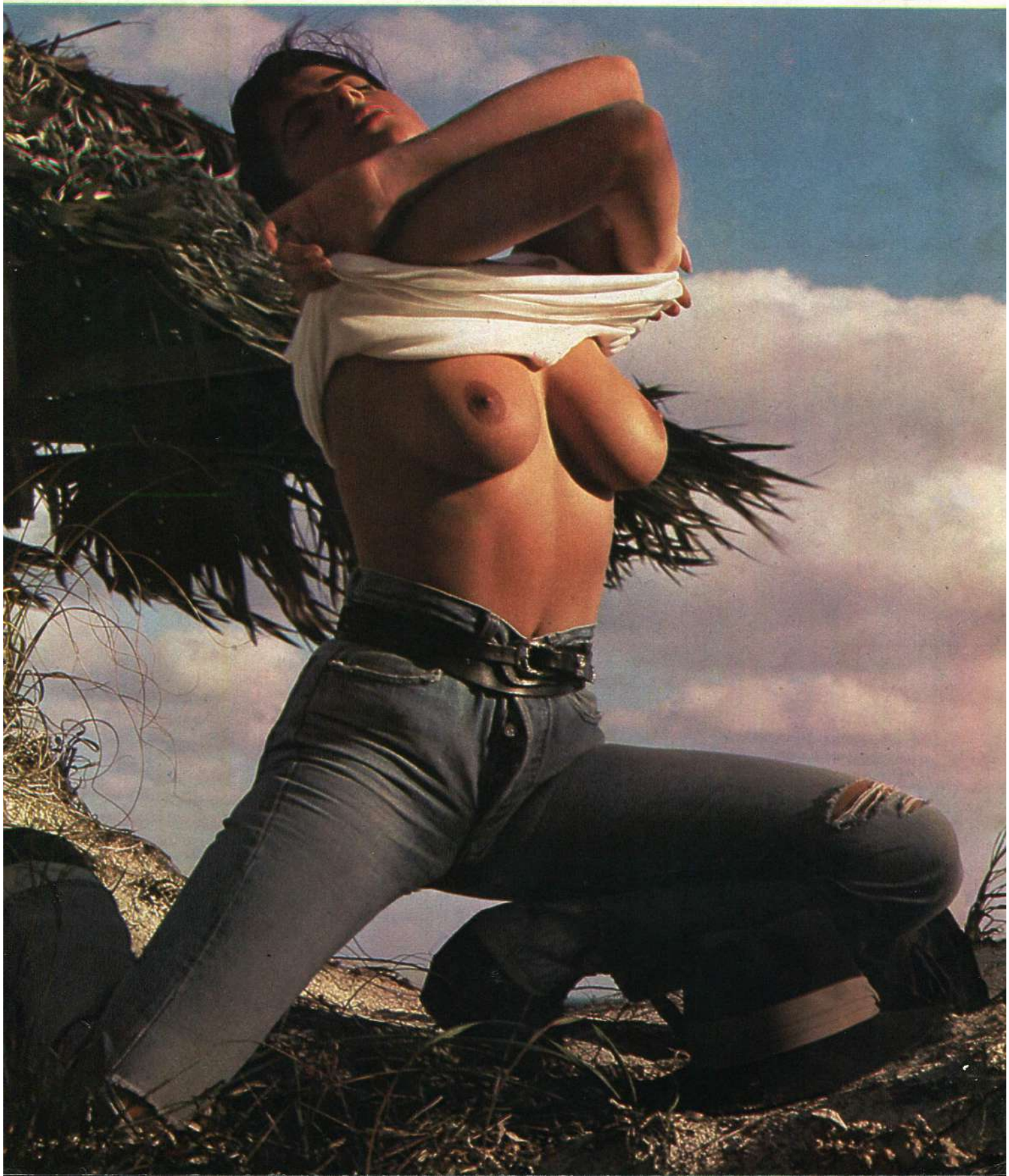
ela
ANELIESE
A GATA DO MÊS


ela
elê
ANELIESE
A GATA DO MÊS

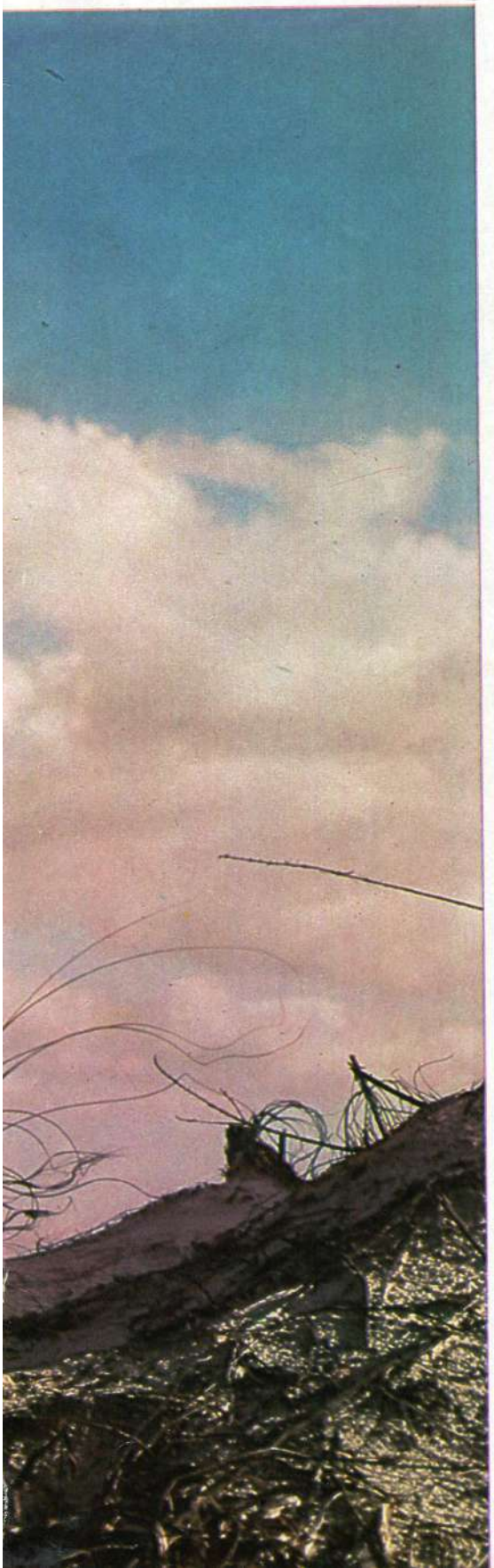
elê
ANELIESE
A GATA DO MÊS

elê
ANELIESE
A GATA DO MÊS

FOTOS DE MICHEL MOREAU

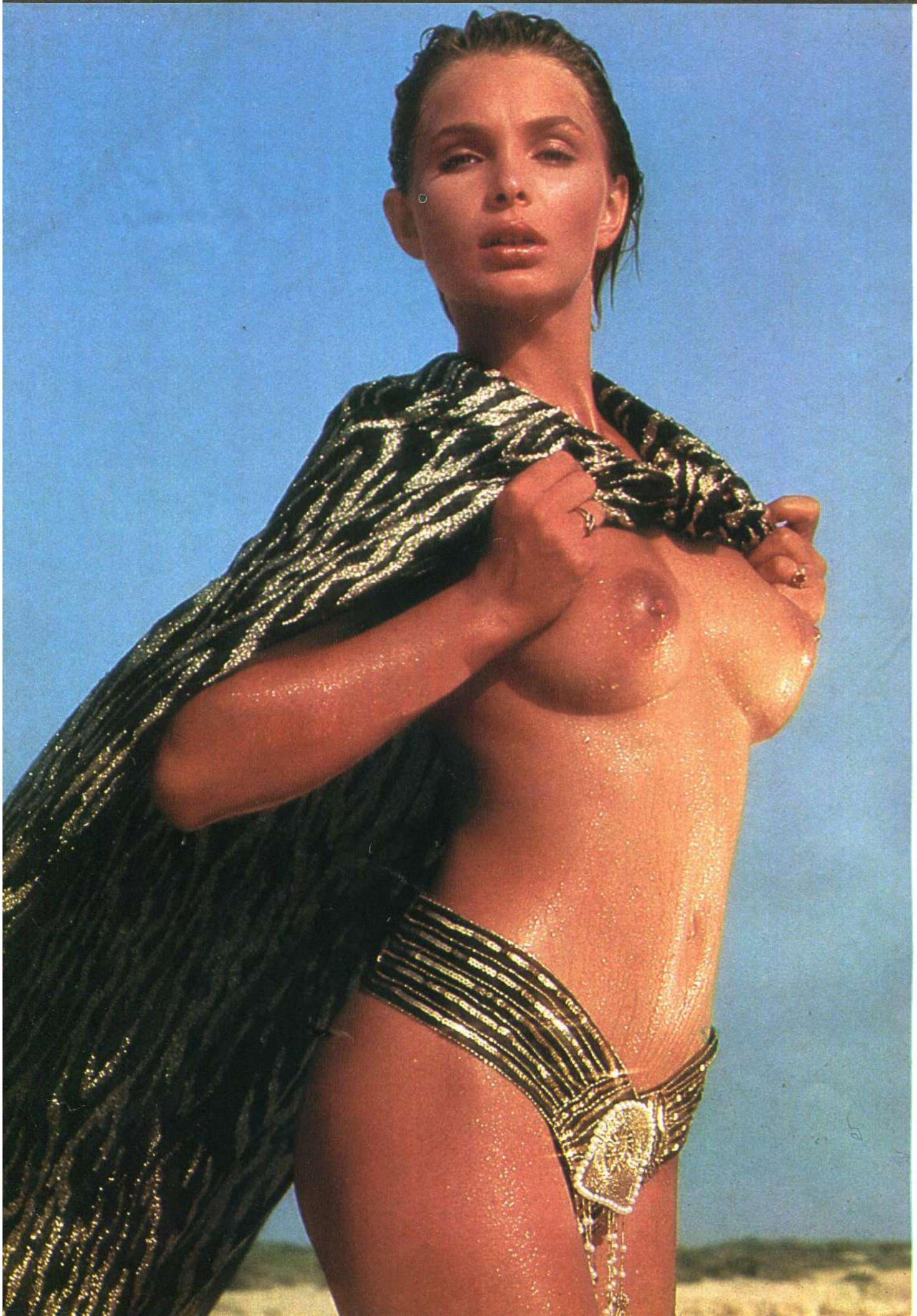


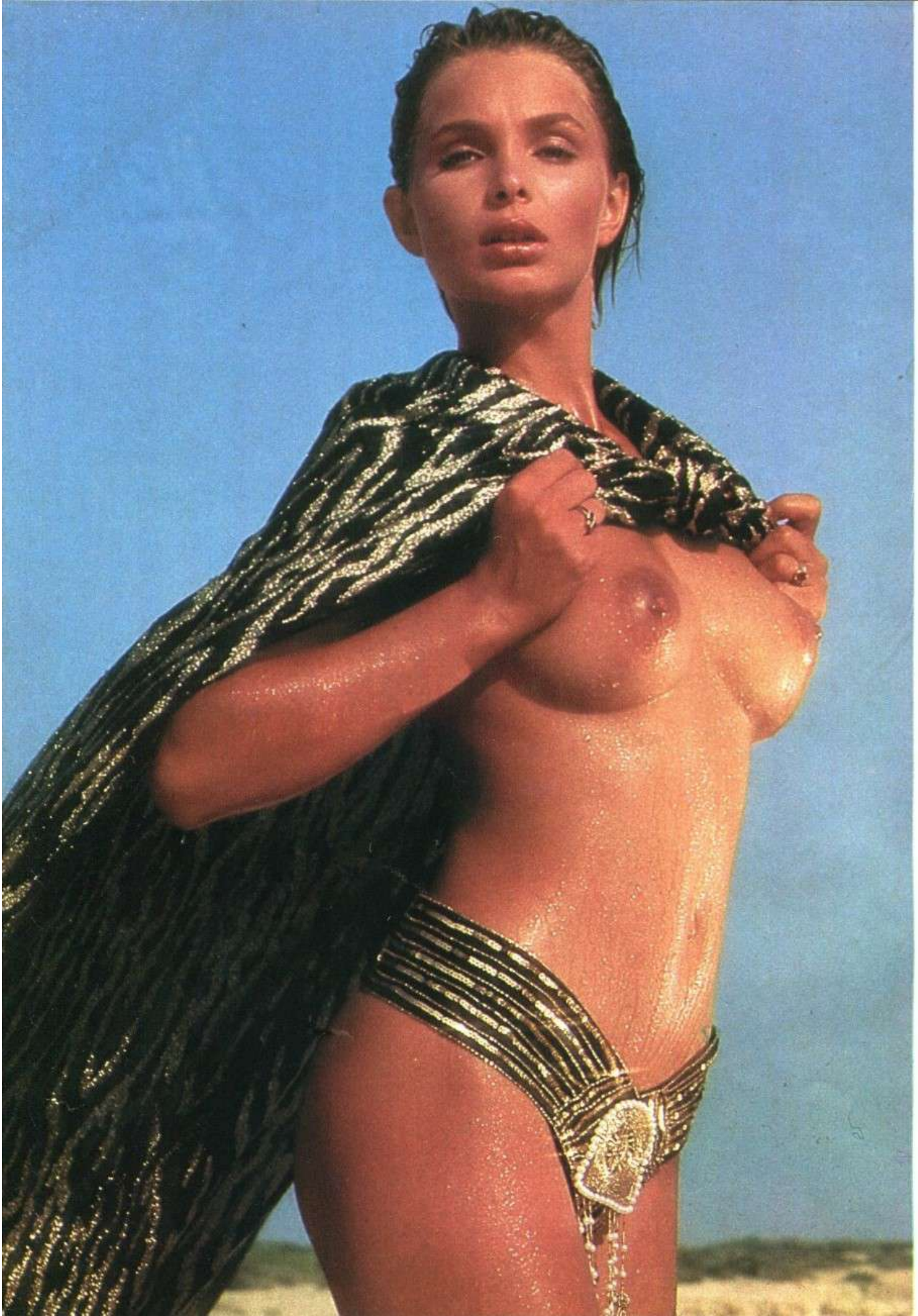
ANNE-CAROLINE



Do velho Texas onde nasceu, ela guarda recordações no corpo. Seu tipo físico, fora alguma — uma principalmente — característica bem americana, sugere alguma mestiçagem no novo ou velho México. Talvez a cor dos cabelos, talvez um jeito latino, quem sabe índio?

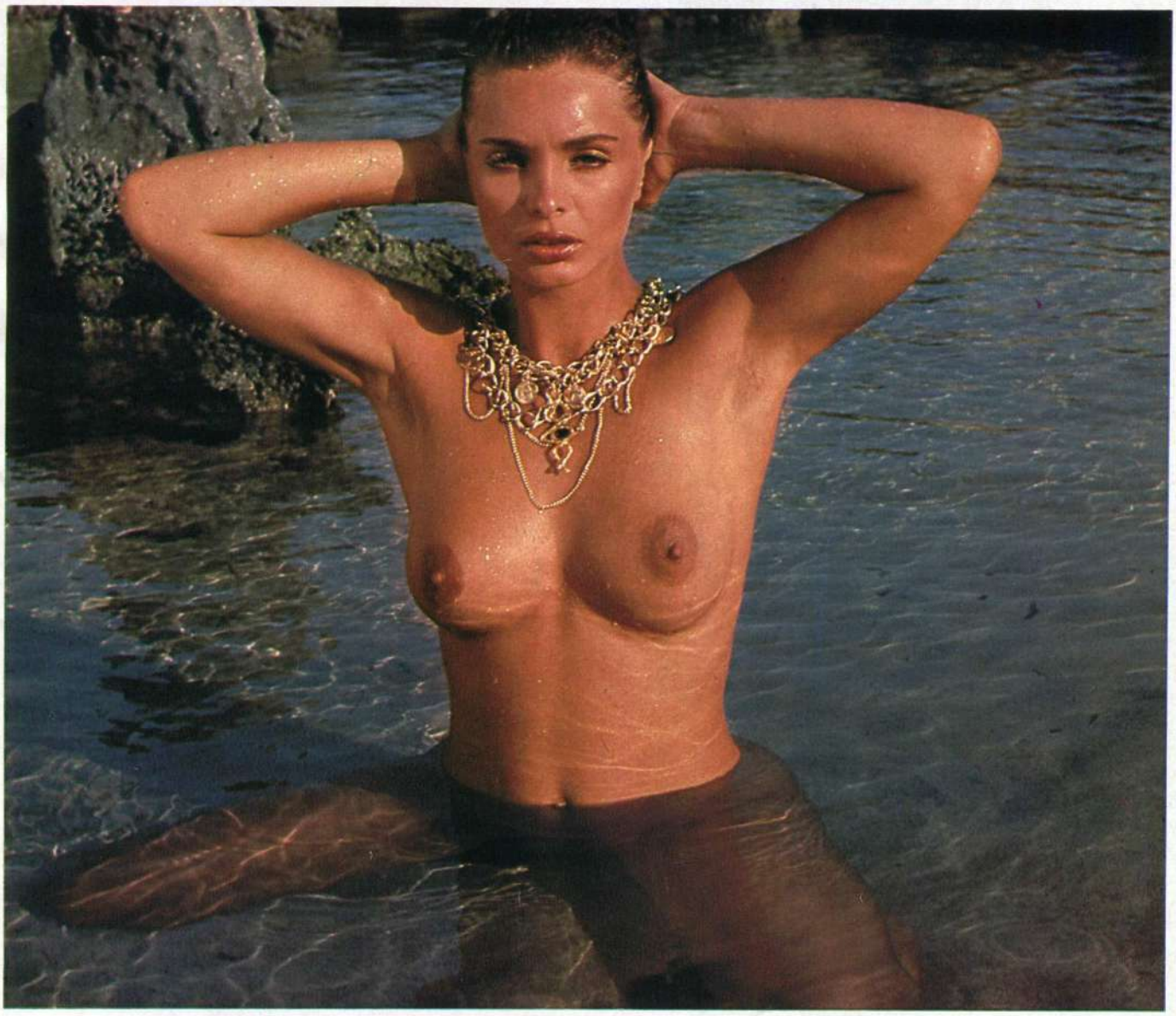
Anne-Caroline te procura! Para onde quer que você vá, onde quer que você esteja, Anne-Caroline vai te achar! São as promessas dessa mulher fogosa para o homem que conquistar seu coração. O prêmio será o seu corpo, entregue ao feliz conquistador da maneira que ele desejar Portanto, cuidado! Você pode ganhar





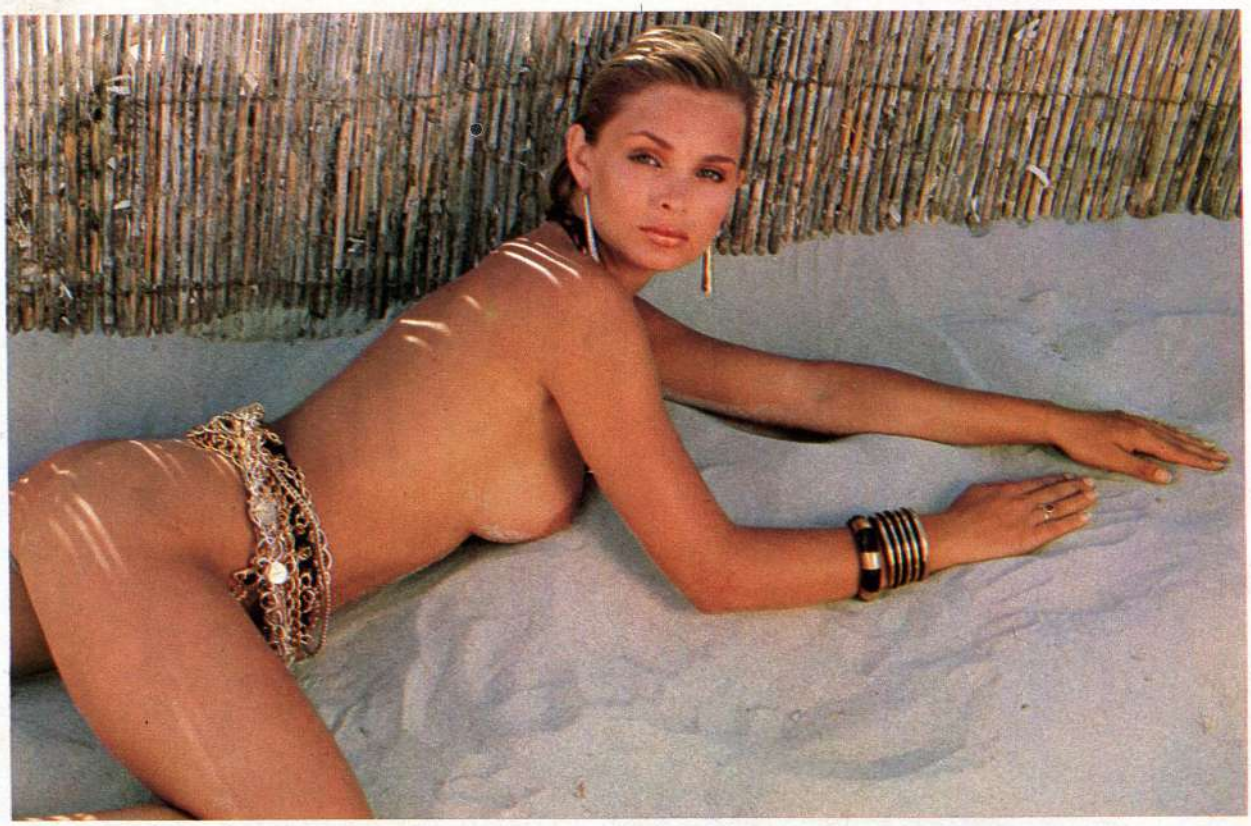
ela

CORINNA

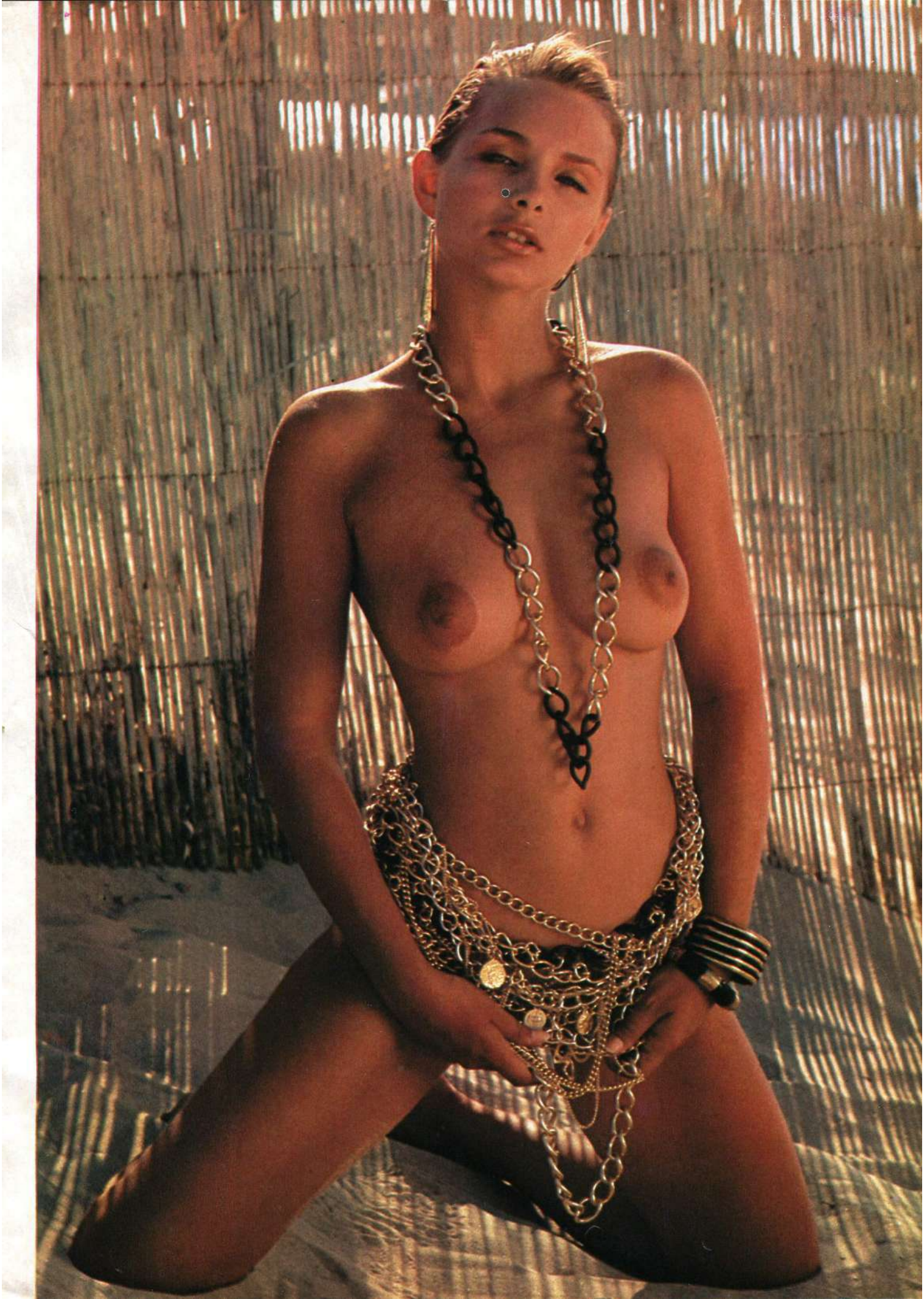


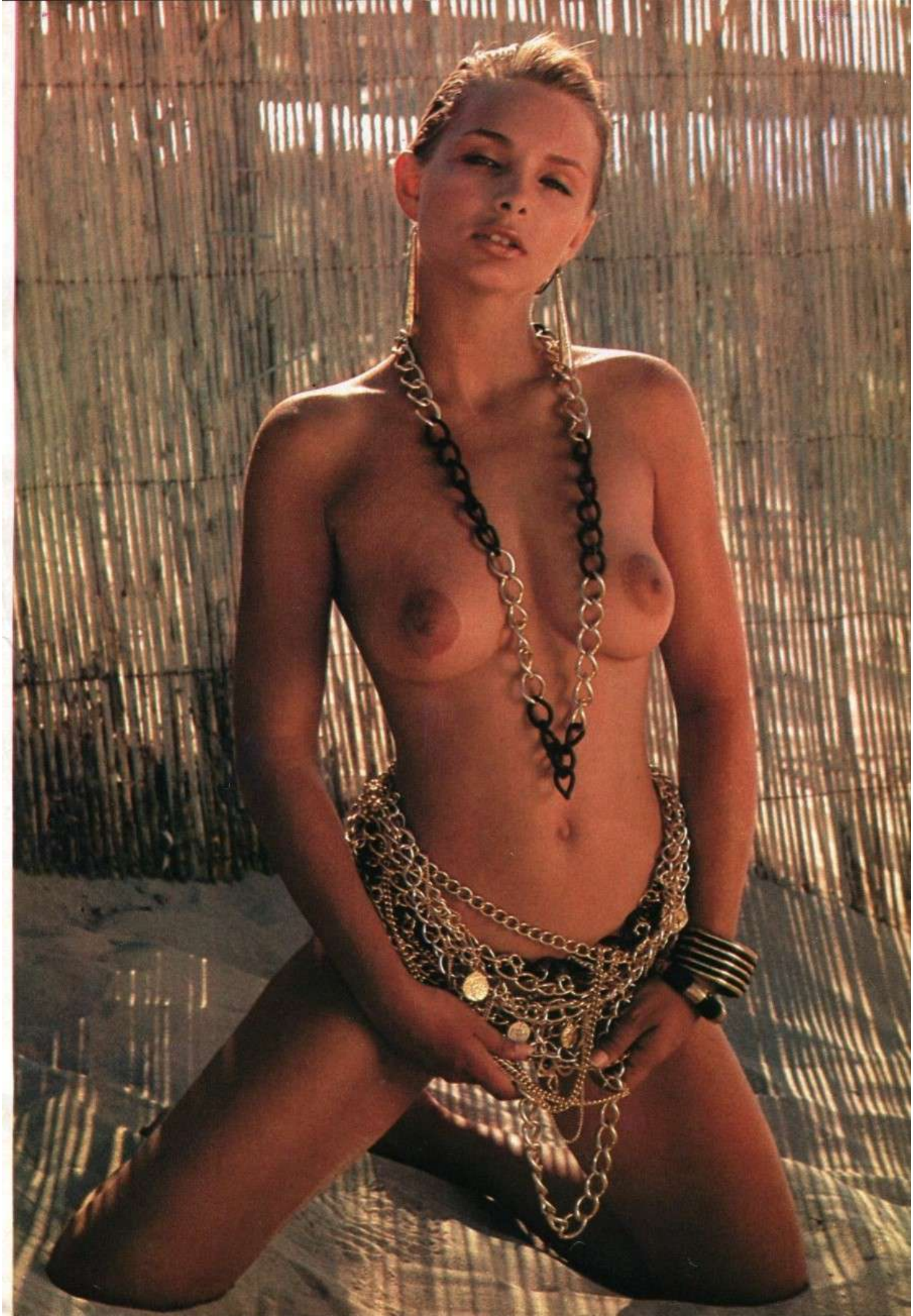
Corinna Drews atua na Alemanha naquilo em que os americanos apropriadamente chamam *soap operas* — as telenovelas. Nos intervalos, sai de férias em busca de um pouco de sol e aventuras menos estéticas do que as que vive em seu trabalho na louca capital da vanguarda européia. Ei-la por inteiro.

Fotos de OTTO WEISSER • Produção de EDGARD DE SOUZA



Nas quentes areias de Ibiza, Corinna perdeu o *verde* alemão, que, se por um lado tem sido importante nas causas ecológicas do mundo inteiro, por outro não fica bem em sua pele de deusa e formas de verdadeira gata.





Corinna Drews, afirma que não tem *cores* políticas. É antes adepta do prazer, da política do corpo — considera seu corpo político e o empresta a bons textos de autores de vanguarda no teatro e na tevê alemã. Quem lá for, a verá.

sete Sanyo.
beças premiadas.

MOSANYO, e concorre a 3 Quantum GLS 2000 e toda a linha Top Sanyo.

Hi-Stage 200W.
10º, 11º e 12º Prêmios
Rádio Gravador Stereo com Sintetizador.
E, enquanto você aguarda, pode ir curtindo tudo o que o videocassete Sanyo oferece: alta tecnologia, perfeição de imagem e diversão garantida.
Mostre que você também tem uma cabeça privilegiada.
Compre o seu videocassete Sanyo, e participe da promoção mais emocionante do ano. Datas de apuração: 02/05, 31/05 e 30/06/89.

Cert. Autorização M.F. nº 01/00/010/89

SANYO

A MARCA DA EMOÇÃO.

NÃO PENSE GRANDE NEM PEQUENO.

APENAS PENSE.

PENSE GRANDE: O UNO TEM ESPAÇO INTERNO MAIOR QUE O DE MUITOS CARROS MÉDIOS, E ATÉ GRANDES. E O CONFORTO É AINDA MAIOR QUE O ESPAÇO.
PENSE PEQUENO: COM TODO ESSE ESPAÇO, O UNO QUASE NÃO OCUPA ESPAÇO. ELE É FÁCIL DE ESTACIONAR, PRÁTICO, GOSTOSO DE DIRIGIR, RÁPIDO NAS RESPOSTAS E ÁGIL NO TRÂNSITO, COMO NENHUM OUTRO.
PENSE GRANDE: SE NO UNO NÃO FALTA CARRO, MUITO MENOS FALTA MOTOR. ELE TEM UMA PERFEITA RELAÇÃO PESO-POTÊNCIA, PARA VOCÊ SE SENTIR ABSOLUTAMENTE SEGURO NAS ULTRAPASSAGENS E TRANQÜILO NAS VIAGENS LONGAS.
PENSE PEQUENO: O UNO É ECONÔMICO EM TUDO O QUE SE DEVE ESPERAR QUE UM CARRO SEJA ECONÔMICO. NO CONSUMO DE COMBUSTÍVEL, NA MANUTENÇÃO, NA DURABILIDADE DAS PEÇAS, NA CONCEPÇÃO MECÂNICA.
A ÚNICA COISA QUE O UNO REALMENTE NÃO ECONOMIZA É INTELIGÊNCIA.
PENSANDO BEM, PENSE NO UNO.

FIAT Uno

MUDANDO PARA VOCÊ MUDAR.

USE CINTO DE SEGURANÇA

"ESTE VEÍCULO ESTÁ EM CONFORMIDADE COM O PROGRAMA DE CONTROLE DA POLUIÇÃO DO AR POR VEÍCULOS AUTOMOTORES-**PROCONVE** - E ATENDE OS PADRÕES ESTABELECIDOS"

JAZZ

COLEMAN: 30 ANOS DE SURPRESA

Há 30 anos, com dois LPs absurdamente revolucionários — *Tomorrow Is The Question!* e *The Shape of Jazz to Come* — e uma temporada polêmica no clube Five Spot de Nova Iorque, Ornette Coleman implodia a estrutura bem-comportada do *jazz* moderno. Sua música confundia-se com um movimento de vanguarda batizado de *free jazz*, nome tirado do título do LP que ele gravou com dois quartetos — o seu e o de Eric Dolphy — em 1960.

Ornette Coleman está de volta, com seu novo LP, *Virgin Beauty* (já lançado no Brasil, pela CBS), que lhe valeu um alentado perfil com direito a foto colorida de página inteira na roqueira *Rolling Stone*. Na matéria, ele comenta:

"Os músicos diziam que eu não sabia tocar, que era maluco. É como se você estivesse numa sala e todo mundo falasse: 'Aquela pessoa é bonita, e aquela outra também, mas olhe só aquele *ali, não acham ele feio'? Eu às vezes sentia que as pessoas me encaravam daquele jeito. Mas nunca achei que não tinha nenhum valor. Eles é que botaram aquela marca em mim."*

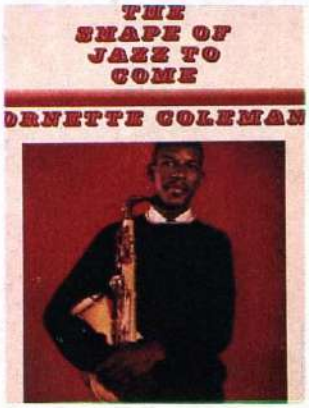
Nascido no Texas há 59 anos, Ornette Coleman formou-se nas bandas itinerantes de *rhythm & blues*, com um estilo totalmente insólito e original. Como Charlie Parker, o revolucionário que o precedeu, ganhou um sax-alto da mãe, foi basicamente um autodidata e enfrentou sozinho alguns problemas teóricos da música, chegando a soluções muito pessoais. As bandas de *rhythm & blues* onde tocava tenor começaram a demiti-lo, alegando que estava fazendo *jazz*. Ironicamente, os músicos de *jazz* também o rejeitavam: ou o deixavam sozinho no palco, ou faziam como Dexter Gordon, que o expulsou sumariamente da cena certa noite.

Ornette teve sua primeira iluminação musical numa turnê à Luisiana no final dos anos 40:

"Comecei a freqüentar a igreja com o meu saxofone. Você foi à igreja e ouviu gente que não sabe cantar de jeito nenhum? E, no entanto, soava tão bonito. O pessoal da igreja cantava e às vezes parecia estar cantando num tom que não existia. E eu tocando com eles. Pensei: se posso fazer isto aqui agora, por que não lá fora?"

Coleman pagou um preço pela sua originalidade Morando em Los Angeles, nos anos 50, teve de trabalhar como porteiro, babá e ascensorista para sobreviver. Um dia, recomendado pelo baixista Red Mitchell, foi procurar o dono do selo independente Contemporary, Les Koenig. Outro iluminado, Koenig resolveu bancar o trabalho de Coleman. O primeiro LP, *Something Else!*, foi gravado em 1958. Mas foi em 1959, com *The Shape of Jazz to Come*, que Ornette encontrou os companheiros certos para sua aventura sonora: o trompetista Don Cherry, o baixista Charlie Haden e o baterista Billy Higgins. O som de Ornette chamou a atenção de um dos mais respeitados líderes do *jazz* moderno, John Lewis, do Modern Jazz Quartet: "Coleman está fazendo a única coisa realmente nova no *jazz* desde as inovações de meados dos anos 40 por Parker, Gillespie e Monk."

Nem todos tinham a abertura musical de John Lewis para aceitar um *jazz* que não improvisava sobre os acordes



e que abolia toda métrica regular, subvertendo o próprio princípio rítmico. O *free* buscava formas produzidas ao acaso, sem nenhum tipo de associação, recapturando o som mais primitivo da improvisação coletiva de Nova Orleans. O solista e os instrumentistas que o *acompanhavam* deviam evitar toda e qualquer complementação entre suas frases, como evitavam construções que sugerissem acordes ou tonalidades.

A integridade artística e a fé no seu trabalho obrigaram Ornette a longos períodos de ostracismo. Em 1962, ele produziu e gravou seu concerto no Town Hall, de NY, com dois mil dólares do seu próprio bolso. Naquela noite, a sala só encheu pela metade, devido a uma tempestade de neve e uma greve de táxis e do metrô. O engenheiro de som que gravou o concerto suicidou-se logo depois e, semanas mais tarde, Coleman foi despejado do seu apartamento. A primeira sessão da banda Prime Time com que Coleman inaugurou a sua versão da *fusion* — foi feita com tempo de estúdio cedido a Ornette por ter acompanhado um cantor de *rock* francês numa gravação. Na época, ele e a Prime Time estavam até passando fome em Paris.

Apesar de tudo, Ornette não esmoreceu. Partiu para a exploração de outros instrumentos (além dos saxofones, o trompete e o violino), compôs a trilha sonora de vários filmes e gravou até com orquestras sinfônicas. Nos anos 70, além de uma incursão histórica na música dos Joujouka marroquinos, Coleman adotou instrumentos eletrificados e absorveu certas influências do *rock*, criando uma nova teoria, que chamou de *harmolódica*. A nova fase abriu mais espaço para Ornette Coleman. Hoje não só ele é capaz de agradar aqueles jazzófilos mais empedernidos que não o suportavam há 30 anos, como — gravando com gente como os guitarristas Pat Metheny e Jerry Garcia — seduz ouvintes mais jovens que descobrem em sua música o que o *jazz* tem de melhor: o som da surpresa.

Roberto Muggiati

DISCOS

PESOS PLUMA, MÉDIO E PESADOS

THE THIEVING MAGPIE (LA GAZZA LADRA) — Marillion (EMI/Odeon) — Segundo álbum ao vivo (duplo desta vez) do quinteto neoprogressivo inglês, é também o último com o vocalista Fish — hoje seguindo carreira solo. Clássicos como *Slàinte Mhath*, *Chelsea Monday* e *Kayleigh* fazem a festa dos fãs dos progressivos em geral e do Genesis em particular. Médio.

TEN KAI — ASTRAL TRIP — Kitaro (PolyGram) Acende o incenso e deixa o Kitaro rolar macio no prato. Se o que chamam *new age music* tem alguma coisa a ver, essa coisa é o *som natural* deste japonês que um dia trocou a loucura de sua terra natal por uma viagem pela Índia, Katmandu e Tailândia atrás dos princípios da Yoga. Na volta, se instalou com seus sintetizadores no monte Fuji e teceu longas peças de sons que buscam inteira harmonia com o universo. Pelo menos do ponto de vista do Fujiama. Este disco é de 78 e completa a discografia de Kitaro no Brasil. Calmíssimo.

Marillion (acima) e o velho-novo Deep Purple, o progressivo dos 80 e o *rock* pesado dos 70, ambos ao vivo.

NOBODY'S PERFECT — Deep Purple (PolyGram) Calma, ao contrário do colega de seção acima, não é a palavra de ordem destes velhos metaleiros. Ainda mais num álbum ao vivo, o primeiro deste dinossauro dos anos 60 nos anos 80. Aqui estão registrados os melhores momentos da excursão européia do Purple em 87. As clássicas *Smoke on the Water* e *Lazy* soam como ecos do passado e, talvez por isso mesmo, batem bem nos alto-falantes. A formação é a ideal: Ian Gillan (voz), Ritchie Blackmore (guitarra), John Lord (teclados), Roger Glover (baixo) e Ian Paice (bateria). Cinco coroas *heavy* metaleiros. Com muita classe.

CRESCENDO — Ultraje a Rigor (WEA) Taí uma banda curiosa. Ela anda na contramão dos sons da moda, tem sua coerência e é bem legal de ouvir (menos quando cisma de fazer faixas instrumentais). Os quatro cabeludos do Ultraje têm uma batida *heavy rock* (Leospa toca tão alto quanto o Paice do Purple) e letras debochadíssimas. A começar pelo título — *Crescendo* já que esta galera está toda trintona. E, reparando sem maiores rigores, continuam adolescentes. A metralhadora é giratória *"É tudo filho da puta!"*; *"Se você quiser que eu use camisinha/ eu não ligo/ tirando seu marido / você não corre perigo"*; *"Caneloni de ricota/feijoada de ricota/limonada de ricota!"* Reparando melhor, essa anarcosacanagem é até conservadora, porém saborosa. Suas preocupações giram em torno do país, da família, da moral e da pureza. Bons samaritanos.

Sérgio Costa

LIVROS

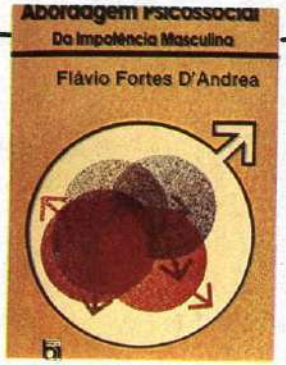
A IMPOTÊNCIA INVESTIGADA

"A mulher é o equivalente simbólico do mundo frente ao qual o indivíduo procura auto-afirmar-se." Esta é uma das conclusões a que Flávio Fortes D'Andrea chega em seu livro *Abordagem Psicossocial da Impotência Masculina* (Ed. Bertrand Brasil, 155 páginas). Introdutor do psicodrama na clínica psiquiátrica em 1962, quando mal se falava no tema, Flávio D'Andrea reforçou o caráter científico e metodológico de sua tese apresentada à Universidade de São Paulo para transformá-la em livro. O tema é de permanente interesse, afinal, estima-se que neste mundo civilizado 5% dos homens maduros sofrem de incapacidade total ou parcial em obter satisfação nas relações sexuais, sendo de 90 a 95% dos casos de impotência de natureza psíquica. Um problema que merece ser estudado e pode ser solucionado, desde que o paciente esteja disposto a vencer seus conflitos.

Marcos Tardin

CONFIE NELE

O irônico e delicado John Updike é, há muito, o cronista por excelência do cotidiano da classe média americana. Em *Confie em Mim* (Ed. Rocco, 282 páginas), Updike tempera ironia, lirismo e crueldade para construir cenas inesquecíveis com casais de meia idade. São 22 contos em que o tema principal é a confiança, traída ou correspondida, em situações domésticas, pequenas traições e inconscientes assassinatos sentimentais. Updike é freqüentemente comparado a Flaubert e, neste livro, pode-se saber por que. **M.T.**



W/GGK

AS PESSOAS QUE USAM WORKER SÃO TUDO, MENOS WORKERS.

O SAPATO TEM QUE SER WORKER. VOCÊ NÃO.

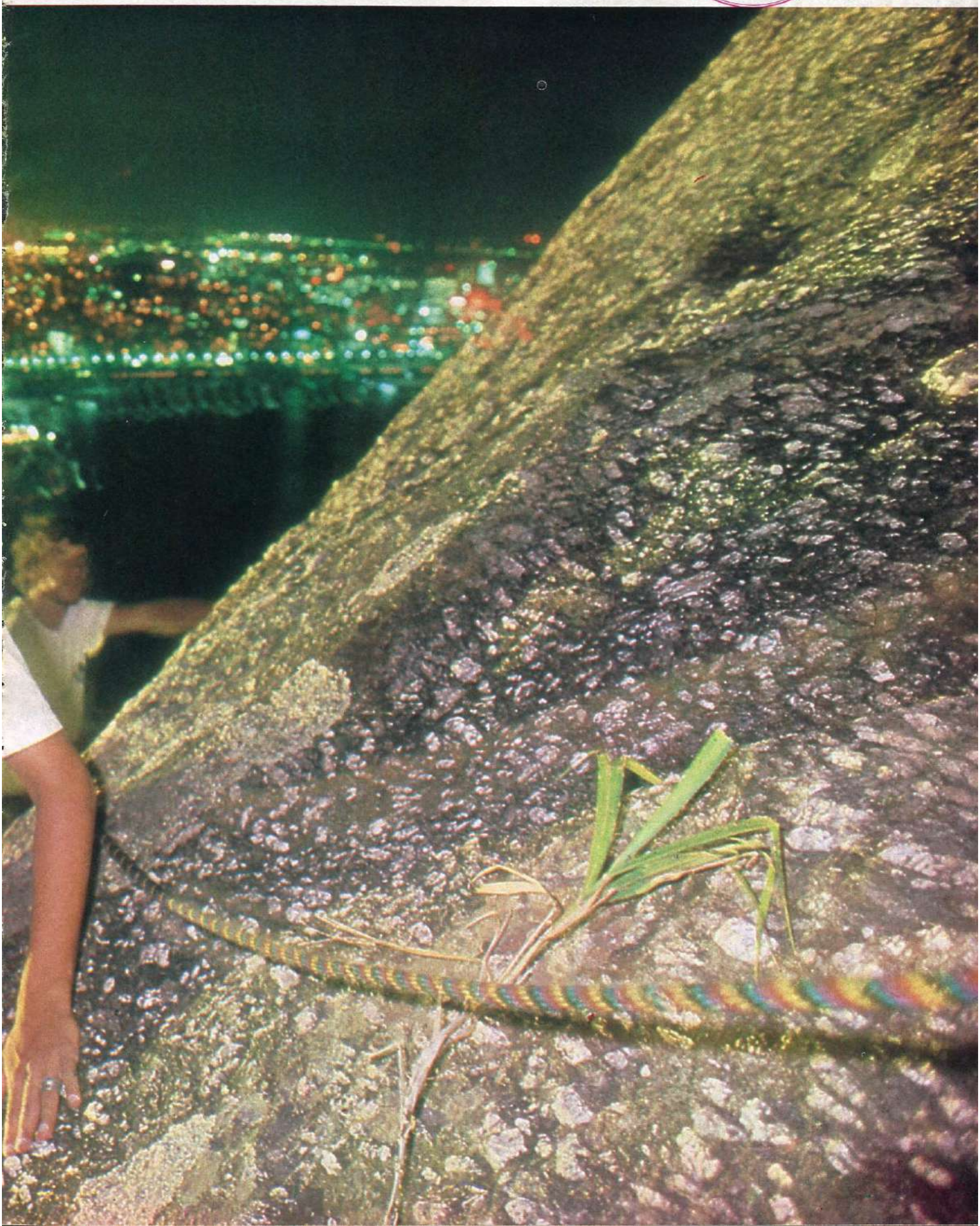
A ESCALADA DA BELEZA

Por HENRIQUE KOIFMAN • Fotos de NILTON RICARDO

Em nenhum grande centro urbano do mundo existem tantas possibilidades de escalada em rocha quanto no Rio de Janeiro. Uma condição privilegiada que por si só justificaria a presença de alpinistas do mundo inteiro, especialmente no verão. Afinal, onde mais se pode interromper uma escalada a 300 metros de altitude para apreciar a vista maravilhosa de uma metrópole à beira-mar?

Participaram desta reportagem: Mozart Catão, Marco Vidon e Helena Ballot. Roupas: Adidas, Mochilas: Montcamp, Equipamentos de Camping e Montanhismo, Rua Teixeira de Melo, 21, sobrado, Ipanema, Rio — Tel.: 287-1143.

ele ela no Rastro do sol



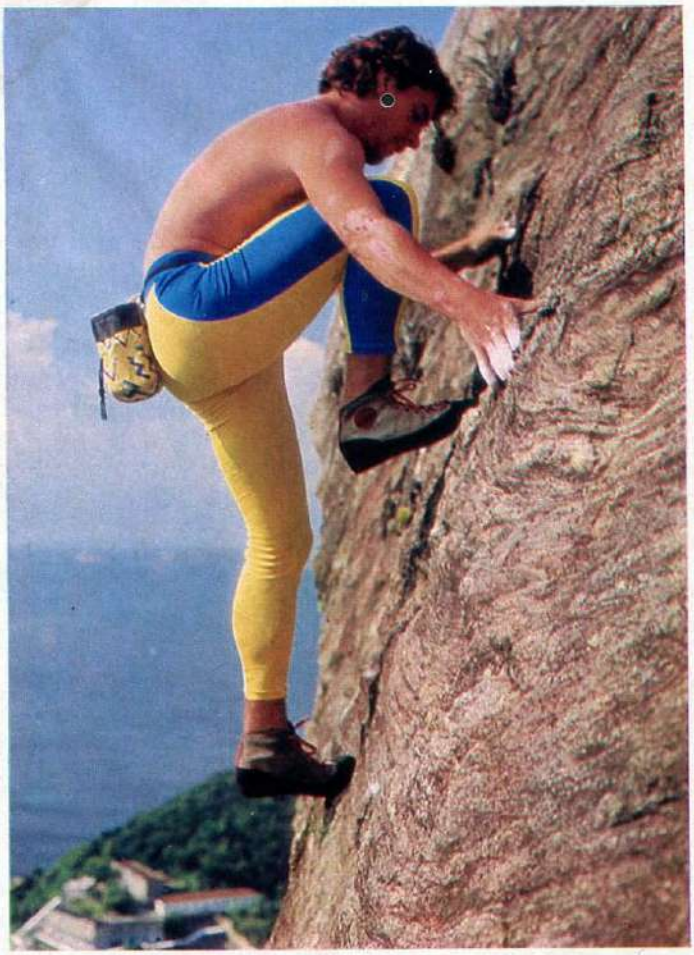
ESPORTE

A ESCALADA DA BELEZA

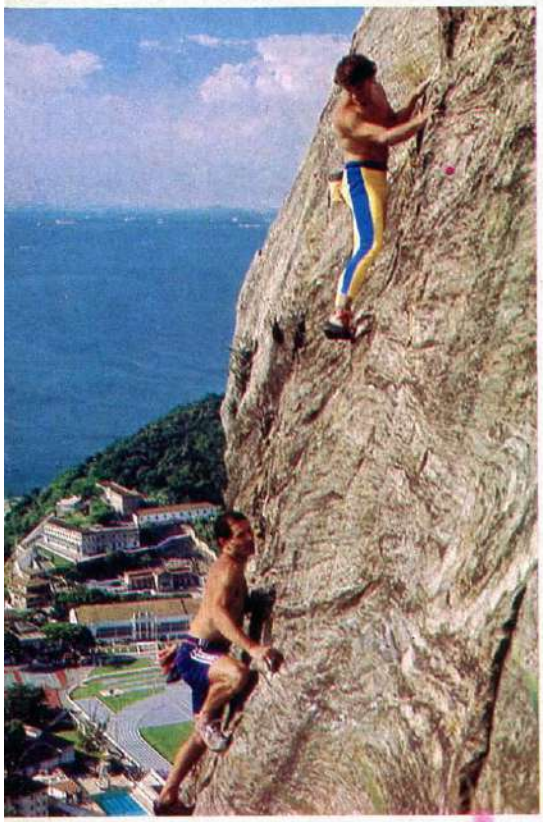
Por HENRIQUE KOIFMAN • Fotos de NILTON RICARDO

Em nenhum grande centro urbano do mundo existem tantas possibilidades de escalada em rocha quanto no Rio de Janeiro. Uma condição privilegiada que por si só justificaria a presença de alpinistas do mundo inteiro, especialmente no verão. Afinal, onde mais se pode interromper uma escalada a 300 metros de altitude para apreciar a vista maravilhosa de uma metrópole à beira-mar?

Participaram desta reportagem: Mozart Catão, Marco Vidon e Helena Ballot. Roupas: Adidas, Mochilas: Montcamp, Equipamentos de Camping e Montanhismo, Rua Teixeira de Melo, 21, sobrado, Ipanema, Rio — Tel.: 287-1143.



Graças à apurada técnica dos alpinistas, hoje já é possível se libertar das tradicionais cordas ou grampos para vencer as montanhas, nas chamadas escaladas em solo. Embaixo, Mozart Catão segue Marco Vidon enquanto Helena Ballot escala sozinha uma parede do Pão de Açúcar (outra página).



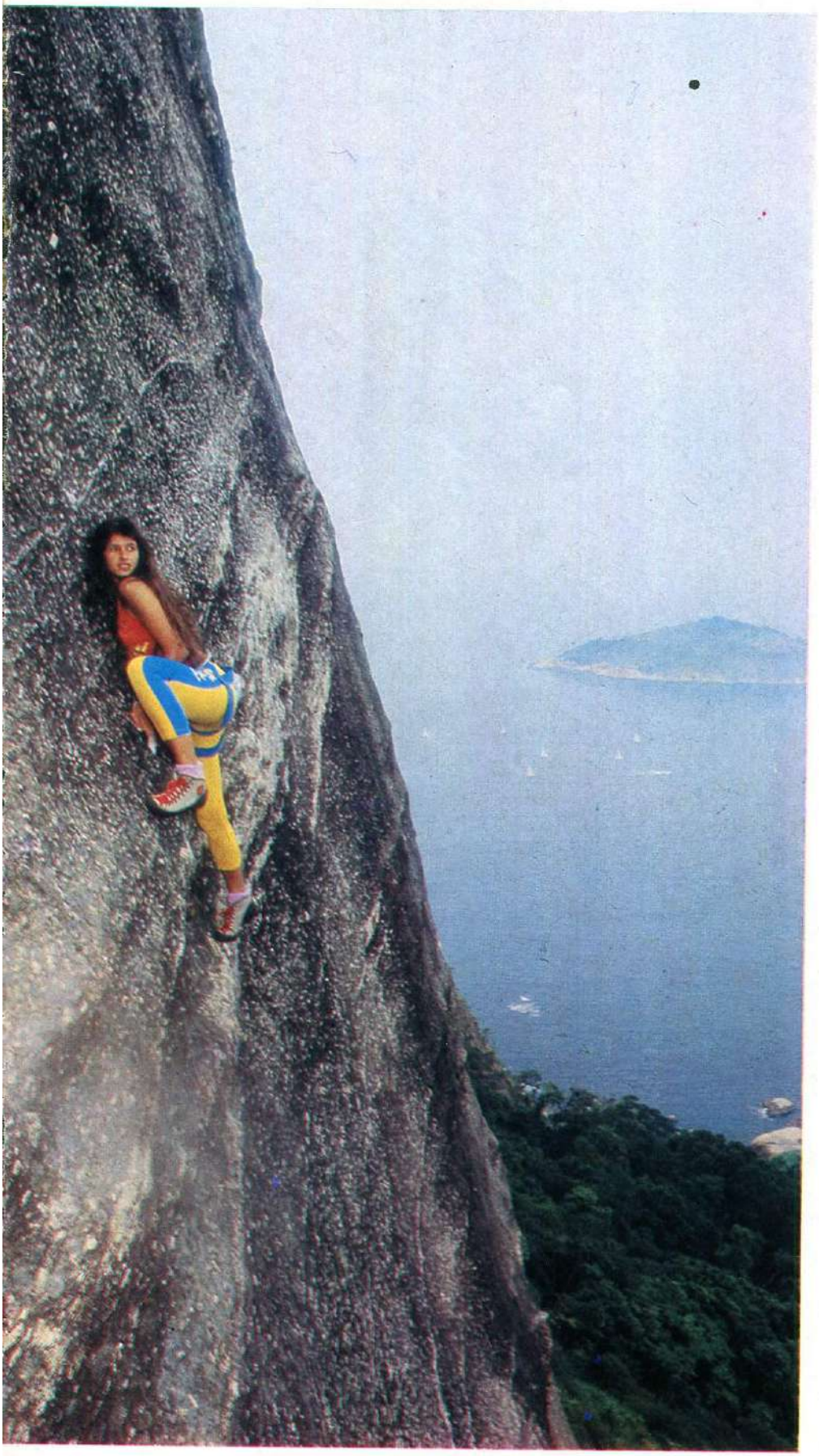
Imagine uma grande cidade, onde você possa saltar de um ônibus urbano e, depois de alguns minutos de caminhada, iniciar uma escalada de nível internacional. Melhor, depois de galgar centenas de metros pela rocha, você chega ao cume, aprecia a vista e... desce de bondinho até o nível do mar. Esta cidade é o Rio de Janeiro, que possui o maior número de vias de escalada — mais de 500 —, dentro de seu perímetro urbano, do mundo inteiro. Todos os anos, alpinistas de todas as partes do globo colorem as encostas do Pão de Açúcar, Corcovado e tantas outras montanhas conhecidas, em busca de aventura e paisagens deslumbrantes.

O alpinismo começou a ser considerado oficialmente como esporte em 1786, quando Packard e Balmat conquistaram o cume do Mont Blanc, na fronteira da França com a Itália. A partir daí, chegar ao topo dos Alpes europeus se tornou o objetivo para vários audazes. Naquela época o equipamento era tosco e inseguro. O que valia mesmo eram a determinação e a coragem para vencer a rocha e o gelo. Em pouco mais de cem anos, praticamente todos os Alpes — daí o nome do esporte — já estavam conquistados. O desafio para os esportistas passou a ser subir por vias mais difíceis do que as usadas pelos conquistadores, empregando cada vez mais técnica. Para treinar esta técnica, os europeus começaram a subir falésias e pequenos blocos, mais baixos. Os blocos e as falésias acabaram se transformando em modalidades distintas do alpinismo. No começo do século 20 também a escalada de altas montanhas — como os Andes e o Himalaia — tornaram-se uma prática à parte e ganharam nomes próprios, como Himalaísmo e Andinismo. Cada tipo de escalada passou a ter suas técnicas e equipamentos específicos.

No Brasil, o montanhismo começou a ser reconhecido depois da fundação do Centro Excursionista Brasileiro, há cerca de 70 anos. Surgiu também, nesta época, uma polêmica etimológica que se mantém até hoje. Uma parte dos desportistas — os mais tradicionalistas — chama o esporte de montanhismo, argumentando que não existem Alpes no Brasil e, por isso, a denominação aqui não faz nenhum sentido. Outros consideram ser alpinismo o nome do esporte que, por uma contingência do destino, nasceu nos Alpes europeus mas é praticado em todo o mundo. Discussões à parte, os escaladores brasileiros aproveitaram os dotes naturais do nosso relevo para, literalmente, subir pelas paredes, arestas e escarpas.

Desde os primeiros tempos, o Rio se destacou no cenário do montanhismo brasileiro. A própria marca registrada da cidade — aquele célebre postal aéreo, mostrando o Pão de Açúcar, a enseada de Botafogo e, ao fundo, o Corcovado — está intimamente ligada às montanhas. São mais de 500 vias (rotas) de escalada, dentro do Município do Rio. Além do Pão de Açúcar e do Corcovado, morros como o Dois Irmãos, Babilônia, Dona Marta, Pedra da Gávea e muitos outros propiciam aos alpinistas centenas de escaladas, ao alcance de uma pequena caminhada ou mesmo de linhas de ônibus urbanos ou táxis.

Os morros do Rio, assim como todas as montanhas onde existam escaladas em todo o mundo, têm suas vias classificadas de acordo com o nível de dificuldade. Esta classificação foi criada para tornar o alpinismo mais competitivo e fácil de ser analisado. Só que, devido às peculiaridades de cada região do mundo, vários países criaram suas próprias — e distintas — classificações. Hoje, além da brasileira — que vai do 1.º ao 8.º grau — existem as



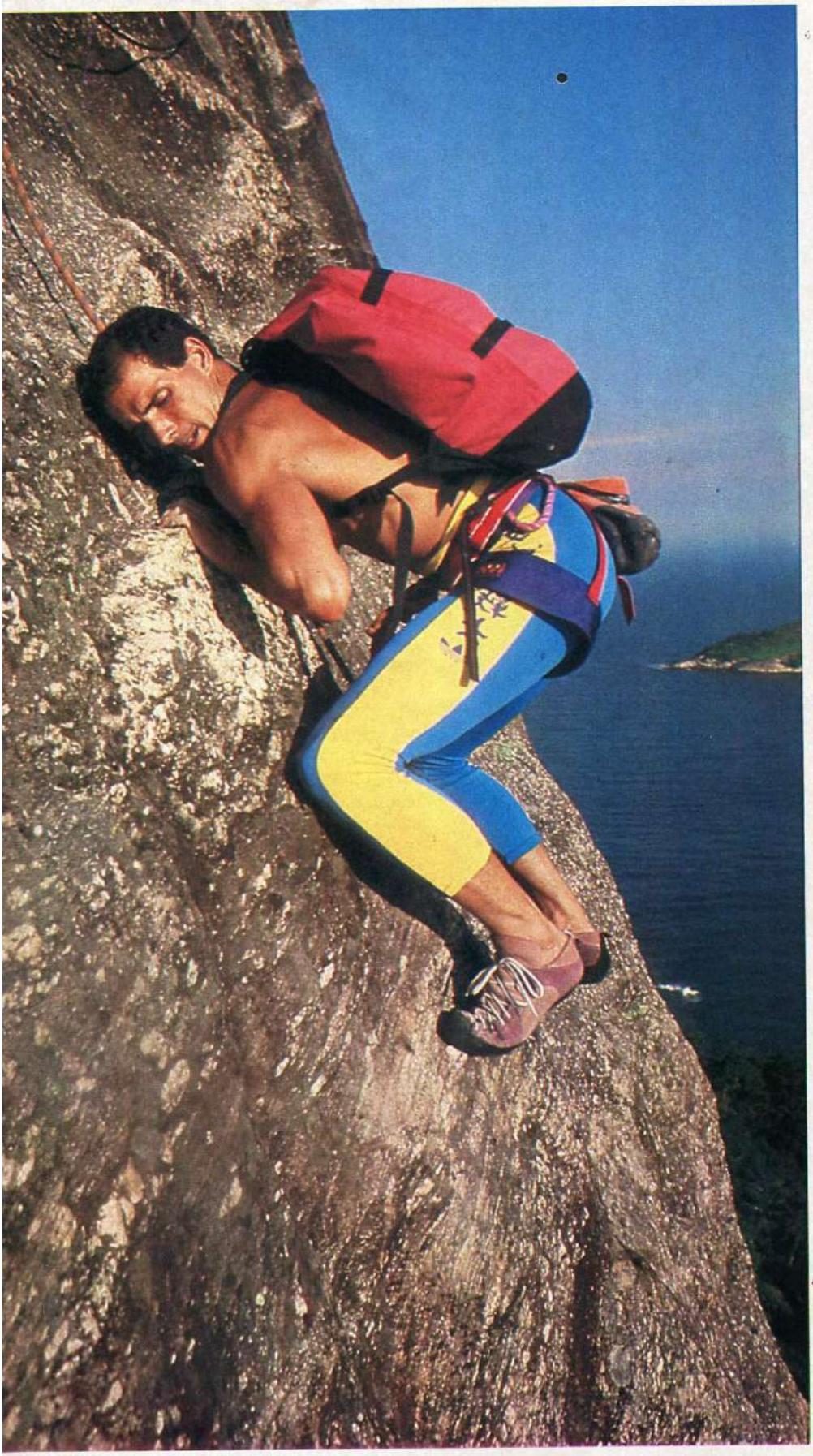
escalas dos EUA, Áustria, Austrália, França, Alemanha, UIAA (União Internacional de Associações de Alpinismo) e outras. Na verdade, em cada uma destas classificações existem duas ou mais escalas embutidas. A mais comum e conhecida é a que mede a dificuldade das escaladas em livre — onde a corda, os grampos e outros recursos são utilizados apenas para a segurança. A escalada, propriamente dita, é feita com os pés e as mãos diretamente na rocha. Existem também graduações para escaladas artificiais onde os equipamentos servem para ajudar o escalador em sua progressão, em trechos onde não seria possível seguir em livre e para escaladas onde existem vias com cabos de aço.

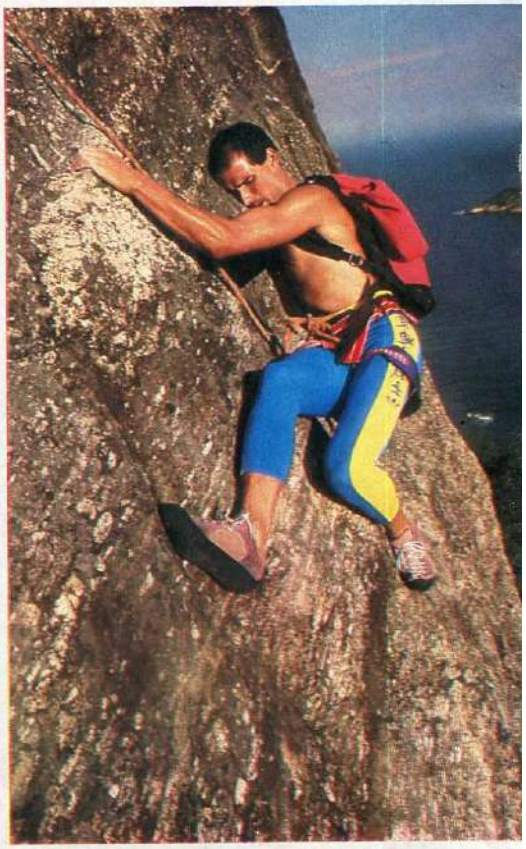
Apesar desta aparente complicação de graus e escalas, iniciar-se no alpinismo não é nada difícil. Mozart Catão, 26 anos, há 13 pelas paredes e escarpas do Brasil, Andes — já subiu o Aconcágua — e Europa esteve no Mont Blanc — aconselha aos interessados a, em primeiro lugar, procurar um grupo excursionista ou instrutor de alpinismo. No Rio, os mais conhecidos são o Centro Excursionista Carioca (236-2084), o Centro Excursionista do Rio de Janeiro (220-3548), o Centro Excursionista Brasileiro (262-6360), a Monteação (742-5279) e o Grupo Independente de Montanhismo (239-2773). "Todos estes grupos têm programas de caminhadas e escaladas para todos os níveis de dificuldade."

As condições físicas exigidas para se escalar com prazer e segurança são, basicamente, a flexibilidade, o equilíbrio e a coordenação. "É aconselhável que se façam exercícios específicos, como barras, alguns tipos de agachamentos e exercícios para a ponta dos dedos. É bom não ser muito pesado e ter pés pequenos — apesar de isto não excluir ninguém do esporte, quanto menor for o pé do alpinista, mais segurança e facilidade ele terá. O mais importante de tudo é não ter medo de altura e muita determinação. Ao contrário de outros tipos de esporte, numa escalada não é possível desistir e largar a peleja pela metade." Os benefícios do montanhismo são muitos. Além da óbvia higiene mental, caminhar e escalar terrenos íngremes desenvolve o condicionamento físico aeróbico e muscular.

Acompanhamos Mozart Catão numa escalada uma das várias vias do Pão de Açúcar. No dia, ele acordou cedo, para evitar o calor e aproveitar melhor o

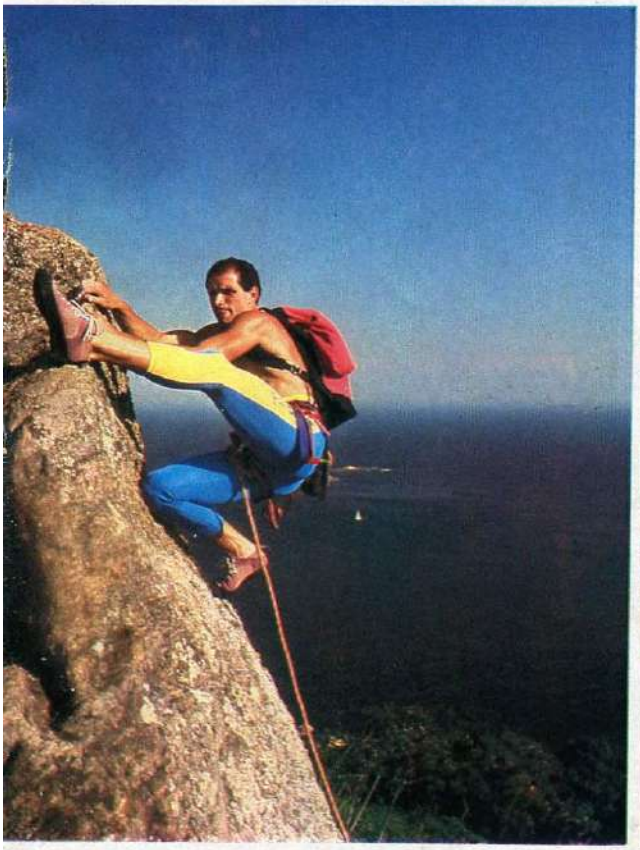
ele ela no Rastro do sol

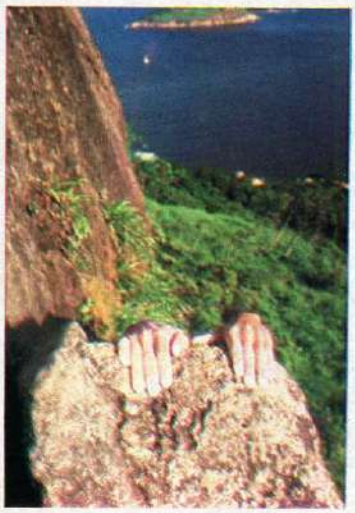




tempo. Tomou um café da manhã reforçado e foi arrumar a mochila de ataque — um modelo especial para este tipo de escalada. "Primeiro coloco o melhor amigo do alpinista", disse ele, enquanto guardava uma corda de 45m. Depois, os mosquetões — elos de duralumínio, que servem para fixar a corda aos pontos de segurança (elementos fixos na rocha), o *baudrier* — um sistema de fitas e cintos que envolve a cintura e as pernas e que serve para unir a corda ao escalador. Em seguida, guardou as fitas que também servem para fixar os mosquetões no *baudrier*, o *varape* — um calçado especial para montanhismo, com alta aderência — e o *pó mágico*. "O pó é composto de carbonato de magnésio e serve para secar o suor das mãos." Um cantil e algumas maçãs completaram a mochila. Vestido com bermuda, tênis e camiseta, Mozart pegou um ônibus que o levou até a Praia Vermelha, na Urca. Daí foi a pé, pela Pista Cláudio Coutinho — dentro de uma área militar do Exército, com acesso permitido das 8:00 às 17:00h até a entrada da trilha para a base do morro.

Depois de uns 20 minutos de caminhada





Os movimentos dos escaladores são tão precisos que mais parecem os de um balé num cenário vertical. Por vezes, eles necessitam erguer o corpo com o auxílio apenas da ponta dos dedos, cobertos de carbonato de magnésio (embaixo).

puxada, no meio de uma floresta, sempre para cima, chegamos ao pé da face sudoeste do Pão de Açúcar. "Aqui temos quatro vias para subir: Cavalo Louco, Italianos, Cisco Kid e Cepi. Vamos subir pela Italianos." Mozart tirou o material da mochila, vestiu o *baudrier*, tirou o tênis e calçou o *varape*. Pegou a corda e amarrou uma ponta no seu *baudrier* e a outra na do seu acompanhante. "Normalmente, em cada cordada sistema de corda e alpinistas — podem subir até três pessoas. Um número maior de integrantes poderia tornar a escalada complicada e perigosa." Pendurados os mosquetões nos *baudriers*, colocado o saquinho com o *pó mágico*, ele estava pronto para começar.

A via dos Italianos começa numa grande fissura na rocha. Mozart foi na frente. Colocou as mãos dentro da fissura e chapou os pés na parede. Assim, foi subindo até o primeiro grampo. Ali, passou um mosquetão pelo furo e pela corda e continuou subindo à direita, até o segundo grampo. Mais um mosquetão e ele continuou subindo. Depois de repetir este processo mais algumas vezes, ele subiu até terminar a enfiada de corda — normalmente, as enfiadas, que são a extensão da corda que une o guia ao participante, têm de 40 a 45 metros de escalada realizada. Terminada a enfiada, Mozart se prende ao último grampo com um mosquetão-mestre que é mais reforçado que os demais — e grita para o participante que comece a subir. Antes, ele retesa a corda de segurança completamente. Enquanto sobe, seu companheiro vai recolhendo os mosquetões que ficaram na via. Quando alcança o guia, prende-se também ao mosquetão-mestre e Mozart recomeça a subir.

O sistema é repetido mais algumas vezes. Em certos trechos, a inclinação da parede chega a ser negativa e é incrível como se consegue subir. Mas a escalada segue tranqüila e, em pouco mais de uma hora, se chega ao topo da montanha. Ali terminam os problemas. Tomamos um refrigerante no bar e descemos pelo bondinho até a Praia Vermelha.

Mas não é só nas montanhas localizadas dentro do perímetro urbano da cidade que o alpinista encontra escaladas dos mais diversos níveis. Umas poucas horas, de carro ou de ônibus, ligam o centro do Rio às regiões serranas Itatiaia, serra dos Órgãos e Friburgo —, onde vias com características diferentes e paisagens selvagens são uma grande atração. O clima é mais ameno — no inverno, chega a nevar em Itatiaia e as cidades da serra, de colonização européia; são bastante acolhedoras.

Em Teresópolis, está localizado o Dedo de Deus, símbolo do alpinismo nacional. Na verdade, a formação rochosa está localizada na divisa dos Municípios de Magé e Teresópolis, gerando acirradas disputas entre as cidades. Mas a fama ficou com *Terê*, onde também se pode escalar a Agulha do Diabo, o Nariz do Frade, a Pedra do Sino e muitas outras. A infra-estrutura é boa, com hotéis, *campings* e ótimos restaurantes.

Pegando-se a estrada que liga Teresópolis a Friburgo, chega-se a Salinas, a mais nova região de montanha dos escaladores brasileiros. Suas principais montanhas são: Três Picos de Friburgo, Capacete e Caixa de Fósforos. Lá, a natureza ainda é exuberante e existem inúmeros lugares para o *camping* selvagem. Próximo, para os que preferem o conforto de um bom hotel, está o Le Canton, em estilo suíço, com o primeiro muro artificial de escalada do Brasil — construído para simular situações práticas. Em vários países, este tipo de muro acabou se transformando em pista para uma nova variação de alpinismo competitivo, onde o esportista luta contra a parede e o relógio.

Subindo-se a serra das Araras, pela Via Dutra, chega-se a Resende. Um pouco adiante, ainda pela Rio—São Paulo, estão os acessos para o Parque Nacional de Itatiaia. Dentro da área do parque estão duas famosas escaladas: as Prateleiras e as Agulhas Negras. Dentro da própria reserva, existem abrigos, hotéis e locais para acampamento. Como em todas as regiões de serra, a época mais propícia para o alpinismo — assim como para caminhada ou simples visita — é entre os meses de abril e setembro, quando a precipitação de chuvas é menor e o clima mais frio. Nas Agulhas Negras, com um pouco de sorte, pode-se fazer uma autêntica escalada alpina, com neve e gelo, comuns na região durante os invernos mais rigorosos.

O que leva os esportistas para as montanhas é mais do que um simples desejo de vencer um obstáculo. "No alpinismo, a competição é mais intrapessoal do que interpessoal", diz Mozart Catão. "O que nos estimula é a auto-superação. É desafiar a natureza e nossa própria natureza."

DIÁRIO DO RALLY PARIS-DAKAR

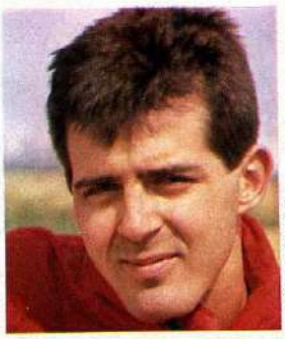


Foto Ruy de Campos

Por KLEVER KOLBERG

SOBRE DUAS RODAS CONTRA OS PERIGOS DO DESERTO

Os paulistas Klever Kolberg e André Azevedo foram os únicos brasileiros a competir no Paris-Dakar. Aqui, Klever conta sua odisséia na maior competição de aventura do mundo.

Paris, 25 de dezembro de 1988, quatro horas da manhã. O despertador nem havia tocado e eu já estava com os olhos bem abertos. Deitado, ouvia os ruídos de outros apartamentos, pessoas despedindo-se da festa de Natal. Levantei! Meu corpo estava cheio de energia e não via a hora de montar na moto e receber a largada.

Ao chegar ao Parc des Expositions de Paris, local de largada do 11º Rally Paris-Dakar, sentia-me um pouco tenso. Fiz o último *check up* e vesti o macacão especial para o frio, pois a temperatura já beirava os três graus e, andando a 130km/h, ela desceria para uns 10 negativos. Em poucos minutos lá estava eu, rumo a Dakar. Procurei esquecer toda aquela confusão e concentrar-me para seguir devidamente o *roadbook* — livro de bordo e não perder nenhum PC ponto de controle.

Ainda era noite quando parei para o primeiro abastecimento. Meu macacão estava coberto de gelo, formado pela neblina, que tornava a estrada bastante perigosa. Mas eu e André Azevedo, o grande amigo que me acompanhou lado a lado nesta aventura, não aliviamos o acelerador afinal, eram 1.100 quilômetros a serem percorridos em 15 horas.

Mesmo com o punho térmico recheado de jornal, minhas mãos ardiam de frio, mas eu tinha que manter a atenção na estrada, pois o *fog* nas montanhas francesas era denso e eu tinha apenas 10 metros de visibilidade, dificultada ainda mais pela chuva, que formava gelo no asfalto. Logo encontrei um caminhão da Suzuki capotado e mais tarde um motociclista com a perna quebrada.

Foto Ruy de Campos

Klever e André com as motos da Yamaha XT Ténéré de 600cc.

No dia seguinte, o sol resolveu aparecer para assistir ao teste de velocidade no porto de Barcelona. A largada era dada a cada 30 segundos, seguindo-se a ordem numérica. Eu era o piloto nº 15 e resolvi fazer o percurso com extrema segurança. Recebi a bandeirada e aos poucos fui acelerando mais forte, logo ultrapassei o nº 14, depois o nº 13 e a poucos metros do final o nº 12. Fiquei supersatisfeito comigo e com a moto: a Ténéré brasileira mostrava serviço.

Nesta noite embarcamos para Túnis num barco francês com ótimas refeições. Chegamos à África na madrugada do dia 28 e às 12 horas largava o primeiro piloto rumo a Tozeur. Aos poucos começávamos a penetrar no deserto e as plantações iam desaparecendo, sendo substituídas por cactos e pedras. As vilas eram cada vez menores e mais distantes e a estrada afunilava-se para apenas uma pista.

Ao entardecer, chegamos a Tozeur, um verdadeiro oásis com palmeiras na entrada. O acampamento já estava fervendo, com os grandes times trabalhando bastante, os pilotos servindo-se no caminhão-cozinha e tuaregues por todos os lados, dando uma de curiosos, mas loucos para roubar alguma coisa. Tem que se ter cuidado com eles. Ficamos uma hora na fila do abastecimento e gastamos mais duas horas fazendo a manutenção das motos antes de esticarmos nossos sacos de dormir e enterrarmos nossas coisas para não sermos saqueados durante o sono. Nesta noite muitos foram roubados.

Novamente, quatro da manhã, muito frio e vento, além do gelo sobre o saco de dormir e nossas motos. Levantei tremendo, cheio de areia, e tratei de rapidamente vestir meu macacão e as botas. Tomei um café, arrumei minhas coisas e às cinco horas já largávamos para uma etapa alucinante. Meu farol estava queimado e várias vezes eu rodava na completa escuridão. Esta largada foi no sentido inverso das colocações e, como estava em 7.º das 85 motos de minha categoria, seguia aquele traço de vagalumes no deserto. As ultrapassagens eram muito arriscadas, pois ficávamos sem uma única noção das reais condições da areia. Pouco depois avistei várias motos paradas. Era um acidente. O motociclista estava estendido com o rosto ensangüentado e a moto destruída, vazando gasolina por todos os lados. Dei minha ajuda e segui.

Foto Sérgio de Castro

Com o clarear do dia a pista tornou-se mais perigosa. Vários *oueds* — leitos de rio seco e erosões escondidas pareciam prestes a nos derrubar. Havia também as dunas e desfiladeiros, que apareciam repentinamente, em curvas. Sentia um grande alívio quando percebia um helicóptero da organização sobrevoando na mesma direção que eu. Pelo menos, eu estava no rumo certo. Esta etapa tinha 730km, portanto, a ordem era acelerar. Continuei a fazer ultrapassagens e a ver alguns acidentados. Aos poucos, começava a dirigir mais rápido, atacando os concorrentes. Por vezes, dirigi vários metros apenas sobre a roda dianteira, pois quando se está a 130km/h e se avista um salto ou coisa parecida, a única coisa a fazer é esperar que o local de aterrissagem não seja cheio de surpresas.

Cheguei ao caminhão-tanque e desta vez perdi quase duas horas no abastecimento. Dez quilômetros depois, li um sinal estranho no *road-book* com vários pontos de atenção e reduzi para 50km/h, mas não avistava nada. De repente, a estrada sumiu e despenquei morro abaixo. Segurei forte o guidão para absorver a pancada da aterrissagem sobre várias pedras. A moto saiu pulando como um cavalo num rodeio, mas consegui dominá-la e aprendi para sempre o significado daqueles sinais. Já à noite, chegamos a Ghdames, fronteira entre Tunísia e Líbia, duas aduanas em meio ao nada. Cheguei ao acampamento exausto, por volta das 20h. Novamente a fila de abastecimento, manutenção da moto, jantar e desmaiar. Às quatro da manhã já estava de pé, me perguntando como poderia agüentar este ritmo.

Mais uma vez largamos no escuro, sem farol, rumo a Sabha. A etapa era dita sem maiores dificuldades, mas ao amanhecer, com um frio de três graus negativos, uma estranha neblina fez desaparecer o deserto, suas montanhas, seus pontos de referência. Estávamos todos perdidos, experimentando uma sensação muito estranha, inquietante, com motos e carros seguindo as mais diversas direções, às vezes em sentidos opostos. Eu e André rodamos muito sem saber mais a direção para voltar, seguindo apenas nossos instintos, até que avistamos um helicóptero que nos orientou sobre o rumo certo.

Então acelerei muito forte, procurando recuperar o tempo perdido. Era perigo atrás de perigo, saltando, batendo muito forte, andando na poeira em pleno vôo cego até penetrar num imenso deserto duro, seguindo as enormes nuvens de poeira levantadas por carros e motos. Parecia que aquele deserto nunca teria fim. Depois de rodar 500 quilômetros, achei a referência certa: um triângulo de pneus. Afastei de minha cabeça a idéia de errar o caminho. Logo depois chegamos ao caminhão de abastecimento. Desta vez sem filas. Eram 14 horas, ventava forte e fazia calor. Enquanto abastecia, coloquei qualquer coisa no estômago. Já era hora de voltar a acelerar.

Havia percorrido uns 550 quilômetros, faltando 380km para o final da etapa, quando comecei a perceber a moto com a traseira completamente sem comando. Como usávamos câmaras especiais maciças, não poderia ser pneu furado. Rapidamente saí do traçado principal, para não correr riscos de ser atropelado, desviando uns 500 metros para a direita, e parei.

Olhei rapidamente a roda traseira e constatei o pior. Algum problema de fabricação com a câmara especial e ela simplesmente virara uma farinha preta que caía do pneu. Foram minutos angustiantes, pois sabia que ninguém iria me ajudar. Liguei a moto, rezei para a roda resistir e fui fazendo uma média de 40 quilômetros por hora. Cem quilômetros depois, avistei o PC do final da etapa de velocidade. Ali, consegui emprestada uma bomba de ar e, depois de amargas duas horas, uma câmara e um par de espátulas. Afoito, cercado de tuaregues, fiz o reparo e saí dali já à noite, mas a moto de André logo teve os mesmos problemas com a câmara, e vagarosamente, mas com muita força de vontade, chegamos ao acampamento de Sabha.

Poucos haviam terminado a etapa e os italianos nos deram as boas-vindas e parabéns por completá-la. Quando viram o estado dos pneus das motos, olharam-nos com certo respeito. Como por ora não havia muito a fazer, resolvemos comer antes de pensar nos problemas. Fizemos um *check up* nas motos e fomos percorrer o acampamento em busca de dois pneus e duas câmaras especiais. Uma, duas, três horas e nada. Não dormimos e os pilotos já se preparavam para largar. Eram 5h30min quando o chefe da equipe italiana me disse ter encontrado um pneu usado. Era do time KTM, dei-o para o André e arrumamos duas câmaras dianteiras. Montamos as rodas e já eram 6h30min. Estávamos desclassificados por não largar no horário.

Não foi um momento fácil, procurei meditar um pouco e traçar uma rota para sair do deserto, pois tínhamos de ser rápidos e certeiros. Estávamos na Líbia, um país árabe cheio de conflitos, com apenas mais três dias de permanência no passaporte. O Paris-Dakar tinha terminado para nós, mas a aventura continua.

AUTOMÓVEL

FERRARI — 40 ANOS

UM CARRO DE SONHO

Em 1949, no Salão de Turim, era lançado o primeiro automóvel de um nome que já era sinônimo de velocidade — Ferrari. Começava ali a se transformar em realidade o carro do futuro, até hoje acessível a muito poucos. Para ter um, é preciso dispor de, pelo menos, 75 mil dólares.

Por SÉRGIO COSTA

1988 marca várias comemorações de datas redondas em torno de um nome mágico: Ferrari. Em 1919, Enzo Ferrari iniciou uma vitoriosa carreira de piloto ao conquistar o 4º lugar do circuito Parma—Poggio de Berceto, Itália. De lá para cá, 70 anos se passaram. Em 1929, há 60 anos, Enzo fundou a escuderia de competição Ferrari, até hoje no páreo, e começou a construir todo o prestígio e o carisma que envolvem o seu nome. A partir de 1939, quando a 2ª Guerra Mundial interrompeu as corridas na Europa, 50 anos atrás, Enzo passou a atuar dentro das fábricas de automóveis. No intervalo forçado das competições, acumulou planos e desenvolveu projetos que mais tarde se transformaram numa espécie de sonho sobre rodas no mundo do automobilismo. Estamos, portanto, comemorando 70, 60 e 50 anos da criação de um sonho. Um sonho chamado Ferrari, associado a diversas vitórias nas pistas de Fórmula-1. Um sonho ligado aos nomes de verdadeiras legendas do automobilismo que pilotaram e pilotam bólidos vermelhos mundo afora. Um sonho de automóveis esportivos e sofisticados que todos desejam e só poucos, muito poucos, podem ter. A integração definitiva entre o homem e a máquina.

Em 1921, Enzo Ferrari (do lado) era piloto de *baratinhas*, tinha 20 anos e sequer suspeitava que um dia seria capaz de fabricar carros como a Testarossa, e modelo mais sofisticado da Ferrari, capaz de atingir 290 km/h com seus 390 hp.

FERRARI

Quem foi o louco cujo sonho se transformou no de todos os que amam o automobilismo? Seu nome: Enzo Anselmo Ferrari, um italiano de Modena, nascido a 18 de fevereiro de 1898, filho do dono de uma pequena indústria metalúrgica.

Aos 10 anos, levado por seu pai, ele foi a um evento que mudou sua vida: uma prova do circuito de Bolonha. Paixão à primeira vista. O pequeno Enzo passou a revelar a todos que, quando crescesse, seria corredor. Mas veio a Primeira Guerra e com ela o serviço militar, adiando seus planos. Aos 16, perdeu o pai e o único irmão. Na lembrança daqueles tristes dias, ficou a cor vermelho-sangue do Diatto, automóvel de seu pai.

Enzo Ferrari ao volante de uma Alfa nos tempos pioneiros do automobilismo. Anos mais tarde, seus carros substituiriam os da fábrica de Milão nas pistas de velocidade da Europa.

O gênio do *Commendatore* era famoso. Ele cuidava pessoalmente dos mínimos detalhes de sua equipe de corrida. Para ele, seus carros jamais perdiam.

Com o fim da guerra, Enzo ganhou uma carta de apresentação do exército e foi procurar emprego na Fiat, em Turim. Tinha alguns conhecimentos de mecânica adquiridos na caserna e muita vontade. Mas não foi o bastante. Foi, porém, na própria Turim que Enzo arrumou seu primeiro trabalho, numa firma que adaptava carroçarias fora de série sobre chassis Lancia. Sua função era testar chassis e motores.

Na *happy-hour*, um programa era certo. O bar freqüentado pelo pessoal do meio automobilístico. E foi lá que ele conseguiu se enturmar no ramo e mudar de emprego, dando uma virada importantíssima em sua vida.

Convidado pelo ex-ás do ciclismo Ugo Sivocci, Enzo Ferrari mudou-se, com a mulher, Laura, para Milão, onde seria piloto de provas da CMN (Construzioni Meccaniche Nazionali). Pouco tempo depois, tornou-se piloto de corridas. Era o ano de 1919, a data mais antiga que agora comemoramos.

No ano seguinte, credenciado por uma boa temporada na CMN, Enzo ingressou na Alfa Romeo. Na época, era o equivalente a alguém entrar hoje na McLaren-Hondà ou na própria Ferrari. De 21 a 24, viveu sua fase áurea como piloto. Em 24, ao vencer o Grande Prêmio de Pescara, foi agraciado com o título de *Cavaliere* pelo Ministro Giacomo Acerbo, criador da prova. Era o primeiro de uma série de títulos. Antes dos 30 anos, ainda seria promovido a *Cavaliere Ufficiale* e *Comendatore*, por serviços prestados ao esporte italiano. Condecorações cassadas no pós-2ª Guerra por terem sido outorgadas pelo regime fascista.

Enzo nunca recorreu à Justiça para recuperá-las. Apesar de merecidas, não chegou nem a lamentar a sua perda. *"As pessoas não sabem se me chamam de cavaleiro, comendador ou engenheiro. Eu gosto que me chamem simplesmente de Ferrari, como faz meu barbeiro Antônio todas as manhãs."*

Importância mesmo, só dava aos carros. *"Quando trabalhava na CMN, vislumbrei uma pequena vocação: a de piloto de automóveis. Digo pequena face à vocação número dois que depois viria a ocupar, a englobar toda a minha vida: a de construtor."*

Piloto era muito pouco para a paixão de Enzo pelos automóveis. Na Alfa Romeo, nunca foi apenas um corredor — como se fosse pouco naqueles tempos pioneiros do automobilismo. Ele gostava de dar palpites em todos os setores e acabou influenciando decisivamente os destinos da marca. Suas iniciativas roubaram da Fiat os melhores profissionais, forçando sua retirada das pistas de corrida.

***Il capo* em frente à sua fábrica de Modena, sua cidade natal, em 1956.**

Ironias do destino, coisas do automobilismo. Hoje, é a Fiat quem domina a Ferrari, com 90% do seu controle acionário. A fábrica de Turim acabou engolindo o monstro criado por uma pessoa a quem recusou há 70 anos.

Enzo chegou a ocupar o cargo de diretor da Divisão de Esporte da Alfa Romeo, onde criou, em 1929, a Scuderia Ferrari. A idéia surgiu num jantar em Bolonha e por nove anos sobreviveu atrelada aos destinos da Alfa, tornando-se uma espécie de filial esportiva da fábrica milanesa.

No início, eram quatro os sócios da escuderia: além de Enzo, os irmãos Caniato di Ferrara e o piloto Mario Tadini. Mas o espírito empreendedor e aventureiro de Ferrari não permitiu aos sócios acompanhá-lo de perto. Sem contar é claro, a tendência de Enzo a centralizar tudo.

Sobre motores Alfa, a Ferrari começou a ganhar fôlego para andar sobre suas próprias rodas. Antes porém, deu a sua *mama* milanesa dois campeonatos mundiais. Foi a Scuderia quem projetou a célebre Alfeta 158, usada nas duas ocasiões por Farina e Fangio. Em 1932, a Scuderia projetou o Alfa P3, que ganhou todas as competições. Em função disso, a Alfa saiu de cena, ou melhor, das pistas, e deixou a Ferrari com a sua sucessora, a quem forneceria os motores. Os grandes nomes correram para a marca do *cavallino rampante*. O cavalinho, desculpem, ainda não existia — não tardaria, porém, a aparecer nas pistas — mas o nome Ferrari já significava muito.

Em 1939, veio o rompimento Ferrai-Alfa. Ele ficou livre, porém, de certa forma, preso à fábrica milanesa.

"Quando rompi definitivamente com a Alfa-Romeo, às vésperas da guerra, ainda estava vinculado a uma cláusula que me proibia de reorganizar minha Scuderia *e empreender atividades de competição nos próximos quatro anos."*

A sociedade que formava a Scuderia teve de ser liquidada. Com o que tinha direito das ações da firma, mais uma indenização da Alfa, Enzo fundou a Auto-Avio, em Modena, sua cidade natal. Seu primeiro modelo foi o 815, com o qual Alberto Ascari e o Marquês Machiavelli competiram na última Mille Miglia realizada realizada durante a guerra.

Algo além dos aviões de carreira passou a cursar os céus da Itália. Nenhum carro percorria as pistas de corrida. Enzo voltou sua fábrica para retífica e produção de peças para a aviação. Como quem nada quer foi levando seus negócios, sem nunca esquecer os carros, que ficavam, por enquanto, no papel. Com o fim da guerra, chegou a hora de abrir a gaveta e tocar os projetos para pistas de corrida. Junto ao amigo Colombo, arregaçou as mangas para uma empresa audaciosa: a construção de um motor de 12 cilindros.

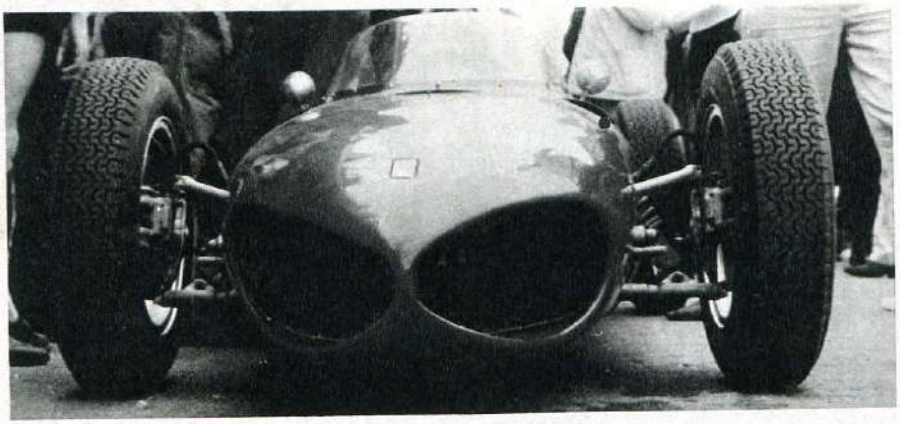
1946: Colombo desenha o primeiro carro a usar o símbolo do cavalinho, o modelo de 12 cilindros da Scuderia Ferrari. Enzo pôde voltar a usar seu velho nome de guerra e de corrida. Em 1949, há 40 anos exatos, o primeiro modelo Ferrari totalmente original era lançado no Salão de Turim, o 166 Corsa, levando adiante seu projeto de motor 12 cilindros.

De lá para cá, muitos modelos, inúmeras vitórias e a consagração definitiva. Falou em ambição automotiva ou de competição, disse Ferrari. Pelo menos até os *japas* entrarem no ramo dos motores e nas pistas de F-1 — mas esta é uma outra história.

Em meados dos anos 60, a poderosa Ford americana tentou se associar (e até mesmo comprar) a Ferrari. Chegou perto disso. Enzo teve em mãos uma proposta irrecusável: receberia da Ford um cheque em branco para preencher com uma quantia cinco milhões de liras acima da maior oferta que outros eventuais compradores lhe fizessem. Enzo continuaria a ser o presidente, se encarregaria das competições, enquanto os americanos ficariam responsáveis pela produção dos modelos Gran Turismo para o mercado europeu.

Na prática, ele perderia o poder sobre a fábrica, tornando-se uma espécie de *menager* mais qualificado. Mesmo assim topou estudar o possível acordo. Ao perceber, examinando o contrato, que para

A 412 tem confortos burgueses: ar-condicionado duplo, para os passageiros da frente e de trás, direção hidráulica e câmbio hidramático — e por isso não é um puro-sangue da raça.



Entre as baratinhas do pós-guerra e as máquinas turbo da última temporada de F-1, poucas coisas as Ferrari guardam em comum, além do vermelho. Os tempos de favoritismo absoluto parecem terminados com a entrada nas pistas dos motores japoneses.

qualquer tipo de transação acima de 10 mil dólares teria que consultar Detroit, Enzo reclamou e os americanos não gostaram nem um pouco.

Mister, o senhor vende sua empresa e ainda quer ditar as regras?

Para quê? O Comendador ficou uma fera e mandou aquela cambada insolente de americanos sair de seu escritório imediatamente, rompendo as negociações. A briga assumiu tal proporção que a Ford, ofendida e ultrajada, montou uma equipe de corridas para esmagar a Ferrari. Em 66 e 67 os americanos ganharam tudo com seus GT 40 e descendentes. Mas não ganharam o prestígio e o carisma da Ferrari, que recuperaria seu lugar no automobilismo em seguida, depois que os americanos saciaram sua sede de vingança.

Mesmo precisando de um sócio forte para permitir a expansão necessária de sua escuderia, Enzo atravessou os anos 60 estoicamente, produzindo carros de rua de uma sensualíssima beleza, altamente potentes, vendidos a peso de ouro, para sustentar a equipe de corrida. Em 69, há exatos 20 anos, apesar de todos os seus esforços, o capitalismo falou mais alto e ele teve de se render aos encantos — ou às liras — de Giovanni Agnelli, presidente da Fiat, que se tornava sua associada a partir de então.

A Fiat, conterrânea da Ferrari, e Agnelli, conhecedor do temperamento do Enzo, souberam respeitar a individualidade do *engenheiro* e não se meteram com sua equipe de corridas. Em compensação, até a morte de Enzo, em 88, se ocupou dos carros de rua. De lá para cá, a fábrica de Turim afirma que o espírito dos automóveis Ferrari será mantido. Não se sabe, no entanto, se isto será possível sem o Comendador. Talvez as Ferrari se tornem apenas Fiats luxuosos e velozes.

A partir de 1974, a Ferrari compete apenas na Fórmula Um. E a Fiat aumenta cada vez mais a produção dos carros de passeio com a marca do cavalinho. Livre das preocupações com a indústria. Enzo se divertia com os consumidores dos carros GT. *"São três categorias principais: o esportivo, o de meia-idade e o exibicionista, com quem se discute apenas o problema das cores e da decoração interna. Jamais o motor."*

A estas três categorias, é preciso acrescentar uma característica comum a todas. Ter dinheiro. O modelo mais barato da Ferrari custa mais de 70 mil dólares.

Nas pistas, a dedicação integral de Enzo, para quem seus carros jamais poderiam perder — os pilotos é que tiveram medo de pisar fundo — a dedicação exclusiva à competição funcionou. Com um gênio ao volante, Niki Lauda, a Ferrari venceria as temporadas de 75 e 77, levando ainda o mundial de 79, com o sul-africano Jody Scheckter. De lá para cá, quase 10 anos de jejum, muita luta, rodízio de pilotos e alguns resultados concretos mas não satisfatórios. Muitos GPs ganhos e nenhum campeonato. Tarefa quase impossível nos últimos anos, principalmente depois que os motores turbo da Honda, associados aos modelos ingleses McLaren e Williams, andaram papando tudo que é GP que viram pela frente. Para a Ferrari, somente um ou outro, em que seus bravos pilotos conseguiram superar as máquinas japonesas.

Na Itália, onde o automobilismo move uma paixão alucinada, este jejum da Ferrari se tornou um prato-feito para a imprensa sensacionalista, com fofocas de todo o lado quanto à sanidade mental do velho Enzo, questionando seu autoritarismo e alimentando ainda mais as crises internas na equipe. Mais crises, mais dificuldade em vencer.

Mesmo assim, o Comendador não desistiu e, pouco antes de morrer, tomou decisões quanto à sua equipe, das quais só este ano poderemos aquilatar as conseqüências. A mais polêmica foi o acerto com o piloto inglês Nigel Mansell, para fazer companhia ao austríaco Gerard Berger. Mansell tem qualidades, entre as quais o arrojo, tão ao gosto de Enzo, mas que tem lhe custado, na sua carreira, algumas derrotas importantes e alguns desafetos no meio.

A bandeirada final para Enzo Ferrari só ganhou as manchetes de jornais do mundo inteiro depois que o velho Comendador estava morto e enterrado. Era uma imposição de seu testamento. Mesmo depois da morte, Enzo levava dava demonstrações de seu temperamento irascível. Desde a perda de seu primeiro filho, Dino (nome que batizou um de seus mais famosos modelos), em 1956, Enzo levava uma vida retirada, pouco se dando às especulações e noticiários sobre sua intimidade. No dia 16 de agosto de 1988, a Ferrari anunciou ao mundo a morte de seu criador, dois dias antes, aos 90 anos, de insuficiência renal aguda. Moria com ele o romantismo das corridas de automóveis. Uma lenda que desapareceu junto com um tempo, agora dominado pela ciência e pelos interesses econômicos. Seu preciosismo quase que artesanal é substituído completamente pelo desenvolvimento da alta tecnologia. Os japoneses assumem a vanguarda do automobilismo. Os italianos entram com a paixão. Paixão que marcou a quase centenária existência do velho comendador

A MÃO E O METAL

A mão trêmula volta-se para a chave de ignição. Antecipam-se prazeres indescritíveis... Eu me preparava para dirigir quatro Ferrari: 365 GTB 2 + 2, Daytona, Berlinetta Boxer e um Dino.

Como já conhecia bem o Dino, comecei por ele. É um carro mais comum se é que isso pode ser dito sobre uma Ferrari. Nada de novo, portanto. Bastou esperar um pouco até controlar o sistema nervoso para não terminar tudo logo no começo do programa.

Nos anos 70, o Dino era o carro de produção que mais fazia curvas. Seu som (alguém lá no fundo disse barulho?) é gostoso, cheio. Os comandos são rápidos e precisos e o carro não tem a sensação de peso dos outros. É, por assim dizer o júnior da liga.

Passei, então, para a 2 + 2 cinza-chumbo. A pista era um trecho plano com curvas de média e alta velocidades, pouco trânsito. Depois de girar alguns segundos no arranque, o motor pegou. Foi o caos e a consagração ao mesmo tempo. Uma incrível emoção ouvir e, principalmente, sentir a obra-prima de Aurélio Lampredi ganhar vida nas minhas mãos e o asfalto em seguida. Soube de imediato o que é o carisma da Ferrari, entendi tudo o que o *ingegnere* fez na vida. Só alguém que amou profundamente a máquina pode realizar um automóvel em que o simples ato de virar a chave se transforma numa liturgia de iniciação. Depois de uma prece rápida, apertei a pesadíssima embreagem e, usando bastante força, engrenei a primeira. Rezei para que o motor não morresse na primeira desembreada e fui saindo devagar. O monstro do V-12 ronronou a 1.200 RPM. Segunda, terceira, e sempre a mesma força requerida para embrear e cambiar a caixa fria.

Chegamos na estrada com tudo em temperatura operacional para começar o aprendizado: conhecer as manhas e possibilidades ilimitadas daquele carro. Ele é grande por fora (1.850kg e tamanho de Charger aproximadamente). A mecânica e a suspensão independente ocupam muito espaço. Sobram dois bancos superconfortáveis na frente e um espaço meio apertado atrás. Mas que importância tem isso quando se pode acelerar os 340 HPs do motor e ir de 100 a 200km/h como se não houvesse amanhã?

Não dá para esquecer seu som, uma verdadeira sinfonia libertada pelos escapamentos quase livres. Essa, e as outras Ferrari, não são carros para ir à padaria da esquina e sim para se abrir o gás nas estradas. É preciso espaço aberto para andar a 220 por hora e sentir-se seguro. É como estar montado num tigre grande, cujas garras penetram no asfalto.

A sensação continua no último verdadeiro carro esporte com motor V-12, a Daytona. A 2 + 2 que tem o mesmo motor (e é produzida até hoje com o nome de 412), não é um carro esporte na acepção do termo e sim uma berlina de turismo rápido! que, horror dos horrores, pode ser comprada com câmbio hidramático opcional e direção hidráulica. Isso torna a 2 + 2 um carro mais civilizado e, até certo ponto, bem mais fácil de dominar, mesmo com todas as suas qualidades de fera.

A Daytona é outro papo. Nada de direção hidráulica. É carro para macho. Muito macho! Há que ter mão forte, decidida e hábil para dominar a Daytona. Em troca, o nível de curtição atinge patamares insuspeitáveis. Ela cola na estrada, acelera até que venha nós o vosso reino e grita furiosa uma canção de amor e guerra. O interior veste o corpo, os comandos caem ao alcance da mão e a gente entende logo a mensagem embutida naquele carro maravilhoso e imortal de Angelo Bellei. Ela é o metro pelo qual sempre foram medidos os Aston Martin, Maserati e Lamborghini da época.

Ainda que grande e pesada, é mais leve que a 2 + 2 (240km/h) e, como tem o mesmo motor com seis carburadores Weber duplos, alcança inacreditáveis 280km/h, fazendo de 0 a 100 em 6 segundos. A Ferrari Daytona é o melhor dos supercarros de motor dianteiro dos anos 70.

Porém, e este é um grande porém, surgiu na Itália em 74 o Laborghini Miúra, o primeiro supercarro de motor V-12 central. Essa invasão da praia da Ferrari já tinha acontecido nos anos 60 na F-1, só que a fábrica de Maranello, desta vez, tinha uma resposta a altura: a Berlinetta Boxer. Com o primeiro motor central de doze cilindros, contrapostos e a caixa e o diferencial por baixo do motor. A 365 BB tem 380 hp e 1.300kg, mistura potencialmente explosiva três quilos e pouco em cada cavalo.

Contato ligado, fui para a estrada saboreando aquele motorzão a vinte centímetros das costas. Quando deu, acelerei. É como abrir o manete de um caça F-16: o píncaro da emoção. A BB é simplesmente fabulosa em tudo: controlabilidade, aceleração, direção, freio. Como se fosse um violino Stradvarius nas mãos de Yehudi Menuhim, a BB compensa a destreza da mão com as sensações imortais da boa música. Ela realiza por completo a união da mão com o metal e proporciona um grande prazer.

Dirigir quatro Ferrari no mesmo dia é algo para ser guardado a sete chaves na memória.

José Rezende — Mahar

A Ferrari 365 GTB 2 + 2 (cinza chumbo) criada por Aurélio Lampredi e suas irmãs (vermelhas como convém à família), Dino, Daytona e Berlinetta Boxer.

Fotos Mahar

Foto Dufourg/Cazenave — Sygma

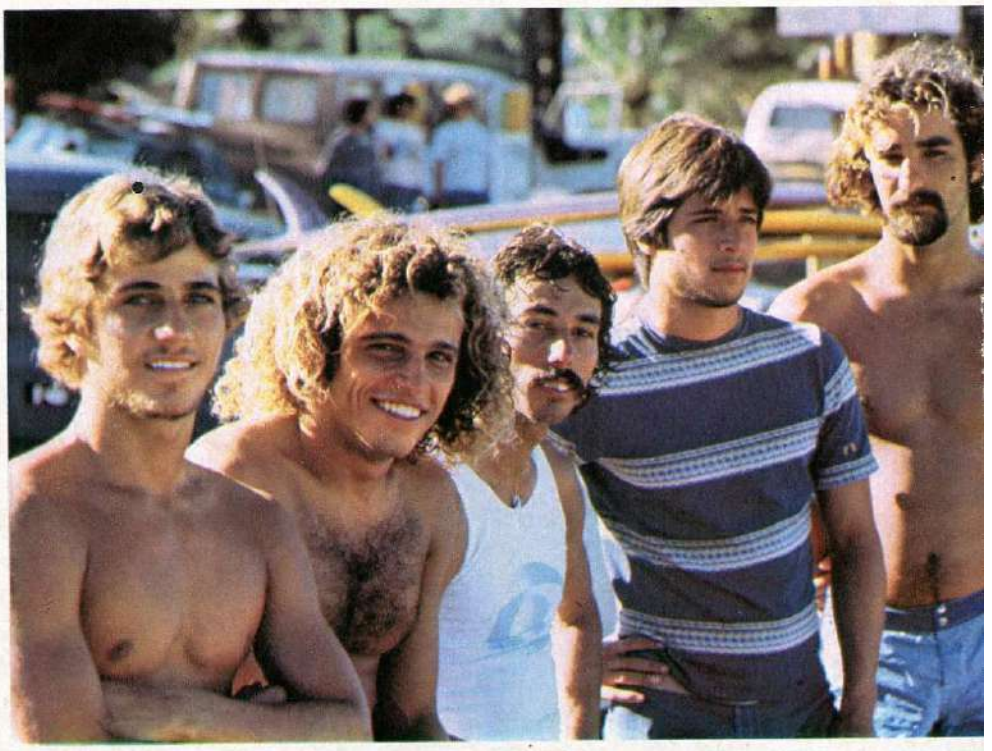
SURFISTAS

A ARTE DE LEVAR (E GANHAR) A VIDA SOBRE AS ONDAS

Por LUCIANA TECIDIO

Na década de 70, o surfista era tido como um cara cabeludo, parafinado, tatuado e maconheiro inveterado. Às vésperas dos anos 90, muita coisa mudou neste perfil estereotipado. O jovem "alienado" se transformou num esportista sério, dedicado, saudável e até num empresário.

SURFISTAS



"CAMISA Hang-Teng, *calça boca fina; no cabelo parafina e no bolso* coisa fina, *surfista...*" Estes versos, de uma música popular no começo dos 70, ilustram bem a fama que os surfistas tinham na época. Todos os dias, eles povoavam a orla carioca, do Arpoador, passando pelo lendário *pier* — canteiro de obras do emissário submarino que avançava em direção ao mar, entre as Ruas Farme de Amoedo e Teixeira de Melo, em Ipanema até a Macumba, no final da Barra da Tijuca, pegando ondas de sol a sol. Tinham como marcas registradas o ócio, as tatuagens, as drogas, a falta de diálogo com os pais, as garotas, a alienação e as ondas, não necessariamente nesta ordem. Invejados, odiados ou idolatrados, eles formavam uma espécie de braço moreno e temporão do movimento *hippie* tupiniquim. Hoje, profissionalizados, politizados e conscientes, os surfistas mudaram de cara. Eles agora se casam, têm filhos e até trabalham para se sustentar.

No lugar das longas madeixas de cor parafinada, a moda entre os surfistas agora é o cabelo curto, na cor natural. Mas não foi só isso que mudou na cabeça da rapaziada. Junto com esta imagem *clean*, o próprio comportamento está diferente. Segundo Mariana Nogueira, 18 anos, campeã brasileira de *bodyboard* e namorando — há três anos — o surfista Leo Chinês, eles hoje são completamente fiéis às suas namoradas e bastante machistas. "Ele não gosta que eu use blusa sem sutiã e reclama sempre do meu microbiquíni" — diz ela. "Se eu fizer tudo o que tenho vontade, ele vai pensar que estou desrespeitando-o. Acho até válido que ele tenha este tipo de preocupação comigo. Afinal quer ver sua namorada preservada. Me sinto até lisonjeada com sua atitude."

Segundo Mariana, quando um surfista quer casar, procura garotas que sejam consideradas *certinhas*, ou seja, "que não estejam malfaladas na boca da rapaziada" Outra *bodyboarder* famosa, Glenda Koslowsky, de 13 anos, concorda com a colega. Diz ainda que, quando estão apaixonados, os surfistas tornam-se até mesmo *paradões*. "Quando eles estão realmente amarrados em uma garota, são superfiéis, fazem de tudo pelas namoradas, não desgrudam um segundo. Como viajo muito para competir, nunca pude namorar nenhum surfista. Mas acabei me tornando muito amiga de vários deles."

Outra fama que os atletas das ondas carregavam era a de serem também atletas sexuais, capazes de satisfazer várias meninas numa só noite. Segundo Ricardo Bocão, 36 anos, metade deles dedicados à prancha e que atualmente apresenta um programa especializado na TV, esta fama vem do começo dos 70, quando o surfe ainda era tido como atividade marginal. "O surfista mudou muito, da época que comecei a pegar onda até hoje. No final dos 60 e começo dos 70, ele era um cara meio rebelde, que odiava regras sociais, como casamento, família, estudo etc. Sua bandeira era deixar a casa dos pais e fugir para o paraíso das ondas, Saquarema. Lá, experimentava drogas e sexo. Muitas meninas também fugiam para encontrar seus namorados. Mas naquela época não era comum que namorados transassem como hoje em dia. Isso obrigava os surfistas a ter outras garotas por fora. Isso agora é diferente, a liberdade é maior. Só não sei dizer se isso é melhor ou pior que antes." Já Antônio Ricardo, 22 anos, parceiro de Bocão na apresentação do programa *Realce* e surfista dos anos 80, acredita que hoje em dia é tudo muito melhor. "Agora você pode transar com a parceira que ama. É muito mais saudável em todos os níveis. Ainda mais com a AIDS solta por aí."

Outra lenda viva do surfe, Rico, de 37 anos, consagrado como campeão mundial do esporte em todas as categorias, é hoje um exemplo da nova mentalidade que impera nas ondas. Casado e pai de um filho, ele é dono de uma microempresa que fabrica pranchas, roupas *surfwear* e outros acessórios. Além disso, é dono de uma firma de promoções e viaja constantemente para o Havaí. Rico não considera que casar seja um ato conservador. "Chega um dia na vida de um homem em que a vontade de ter filhos e constituir uma família bate mais forte. No fundo, todos os homens são conservadores. Quem disser que um dia não quer casar e ter filhos está mentindo."

Roberto Valério, 28 anos, confessa que deixou de lado as competições que o tornaram famoso para se dedicar às suas grifes *Ciclone* e *Cilynder's*. Ele, que já surfou nas praias mais famosas do mundo, do Havaí à Austrália, hoje controla mais de 100 funcionários e produz cerca de 4 mil roupas por mês. Mesmo com todas estas responsabilidades, Roberto diz que não deixou de surfar. "Só parei de competir, e isso por causa da roubalheira e falta de honestidade que existem dentro das competições." Considerado um maldito dentro do esporte, justamente por brigar e reivindicar muito, ele não poupa críticas aos juízes dos campeonatos. "O surfe é um esporte difícil de ser analisado. Os juízes dão suas notas arbitrariamente e, muitas vezes, são parciais. Depois de algum tempo você se enche de ser injustiçado." Valério começou a pegar onda quando tinha 18 anos e era um típico garoto da Zona Sul carioca. Para ele, o esporte está mudando de cara, dia a dia. "Costumo separar o surfista em duas categorias: o que realmente vive para o surfe e o que surfa para *tirar onda* com os brotinhos. Os que realmente vivem para o esporte têm que dormir cedo para no dia seguinte estar madrugando dentro do mar. Já os surfistas *playboys* só fazem pose para conquistar as gatinhas. Graças a esses otários, levamos a fama de sermos safados e até tarados sexuais, que vivem

Bocão (de cabelos compridos) e Rico, a seu lado, em flagrantes de um passado recente e de hoje. O primeiro, além dos cabelos curtos, faz sucesso na tevê. O segundo continua com a mesma cara, apenas um pouco mais próspero.

em orgias, o que não tem nada a ver." Ele também acha que a maioria dos surfistas é bem machista e não acha que isto seja ruim. "Nunca vi uma família seguir inteira se a mulher faz o que bem entende, sem ligar para os filhos e o marido. Ela tem o seu papel a cumprir. Não gosto muito de mulher independente. Acho que precisa existir um meio termo."

Gustavo Kronig, 31 anos, casado e amigo de Valério desde os tempos de colégio, se diz uma pessoa liberal. "Na verdade, as mulheres é que deveriam comandar o mundo e, principalmente, o Brasil. O homem é muito desonesto. Além disso, as mulheres no poder sabem agir com pulso forte. Aposto tudo no governo da Erundina, em São Paulo." Com uma ficha de viagens ao exterior respeitável que inclui 12 viagens ao Havaí, e outras tantas à Austrália, África do Sul e Indonésia Gustavo lembra que já prevou a vários amigos que não é ciumento ou machista. "Quando me casei, fui passar a lua-de-mel na Indonésia. Como lá é comum as mulheres fazerem *topless*, minha esposa também quis. Eu deixei que ela fizesse e a rapaziada do surfe que estava comigo não acreditava que isso seria possível. Eu acho que o que é bonito é pra ser mostrado, sem preconceitos." Apesar de ter casado, Kronig não pretende ter filhos enquanto a situação do país não melhorar "Hoje não acredito mais em política ou políticos. Não vejo muita coisa que nós, surfistas, possamos fazer para mudar esta situação. O que nos resta é, através dos campeonatos, chamar a atenção para causas como a defesa da Amazônia."

Em 88, juntamente com Rico e Bocão, ele participou de um supercampeonato de *long board* que teve sua renda destinada à luta dos ecologistas. Fora do mar, Gustavo trabalha como *chapeador — designer* de pranchas e é famoso em todo o mundo por suas criações. Junto com seus colegas veteranos, ele se sente responsável pelas mudanças que aconteceram no surfe e por sua democratização social. "Nas nossas veias corre o sangue de *Sunset Beach*" — uma famosa praia do Havaí. "Hoje até o pessoal da favela da Rocinha (favela da Zona Sul carioca) se organiza e tem equipe de surfe."

Em relação às drogas, toda a galera é unânime em afirmar que não conhece nenhum surfista *chincheiro*, cheirador de cocaína. Eles dizem que as próprias características do esporte, onde o ambiente é sempre de harmonia com a natureza e a forma física é fundamental, desestimulam esse tipo de vício. "Acho até que eles têm fumado menos maconha por verem que isso não tem nada a ver com a prática do esporte", diz Mariana Nogueira. "O negócio é melhorar cada vez mais a saúde."

Saquarema, no litoral norte do Estado do Rio, continua sendo o paraíso das ondas e das pranchas. Mas de uns anos para cá, Florianópolis também tem se firmado como ótimo local para o esporte. Os verões fazem com que as praias da ilha fiquem cheias de gatinhas e as excelentes ondas deixam o mar coalhado de pranchas. Vários campeonatos já aconteceram por lá e, aproveitando o preço relativamente baixo dos aluguéis, vários grupos de surfistas se instalam em casas modestas, nas várias praias onde existem os *picos* lugares de boas ondas.

Para bancar estas viagens, alguns surfistas são acusados de prostituir-se. Por uma prancha nova ou uma passagem, há quem diga que alguns garotões tenham até transas homossexuais. "Este tipo de coisa não acontece muito e, quando ocorre, é muito camuflada" conta Cristian Moltedo Guzman, o Chileno, de 23 anos. "Esse tipo de coisa rola mesmo é com aqueles caras que tiveram uma infância sofrida e isso se reflete na sua vida adulta" sentencia freudianamente, "ou então com aqueles que não têm vergonha mesmo", simplifica, *à la* Analista de Bagé. Já Gustavo Kronig é veemente: "Com a AIDS, não só os homossexuais terão que se cuidar mais, como também os outros. Qualquer homem que transe com uma mulher terá que saber muito bem com quem está deitando. Acho que a AIDS servirá para acabar com a promiscuidade que se instalou nos últimos tempos. Agora, para traçar um brotinho, tem que tirar até a *anágua* dela, senão o cara dança."

Antigamente, antes de enfrentarem a fúria das ondas, alguns surfistas faziam o sinal da cruz, como simples pedido de sorte. Hoje, há quem siga seriamente o Evangelho e também pegue onda. São os chamados Atletas de Cristo, que hoje atuam em diversos esportes e que no mar são conhecidos como os Surfistas de Cristo. Adeptos de uma seita americana chamada Union Church, se reúnem todos os sábados, na Barra da Tijuca, para rezar e discutir seus problemas. Um destes atletas é Marcelo Gil, 23 anos, que entrou para a religião depois de visitar o irmão (também surfista) nos EUA. "Ele também faz parte de um grupo evangélico e me incentivou a fazer parte. Depois que comecei a freqüentar a religião, tudo mudou em minha vida", conta ele, dizendo que parou de beber e voltou a estudar com dedicação. A única coisa que Marcelo não segue à risca em sua nova fé é a proibição de manter relações sexuais antes do casamento. "O culto evangélico em si não nos proíbe de nada, apenas aponta que transar com várias mulheres, à toa, não é legal. Eu, como sou noivo, não vejo nada de errado em ter relações com minha garota." Sua noiva, Eliana Braga, de 19 anos, é católica e vê na religião do namorado a causa de uma mudança radical em sua vida. "Marcelo agora tomou juízo. Está terminando a faculdade e ficou muito mais responsável."

Bem-sucedidos, chefes de família ou mais perto de Deus, os surfistas de hoje em dia parecem mesmo ter cortado de vez as psicodélicas ondas do passado. Profissionalizados e com objetivos definidos, eles agora embarcam em *trips* mais terrenas, construindo aqui a sua Califórnia.

Numa área de 3.000m² na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, Zico foge das badalações, recebe os muitos amigos, curte a família e o conforto que conseguiu, mas não abandona a simplicidade e o que mais gosta, o futebol.

ZICO

FUTEBOL ATÉ EM CASA

Por MARCOS TARDIN • Fotos de RAUF TAUÏLE

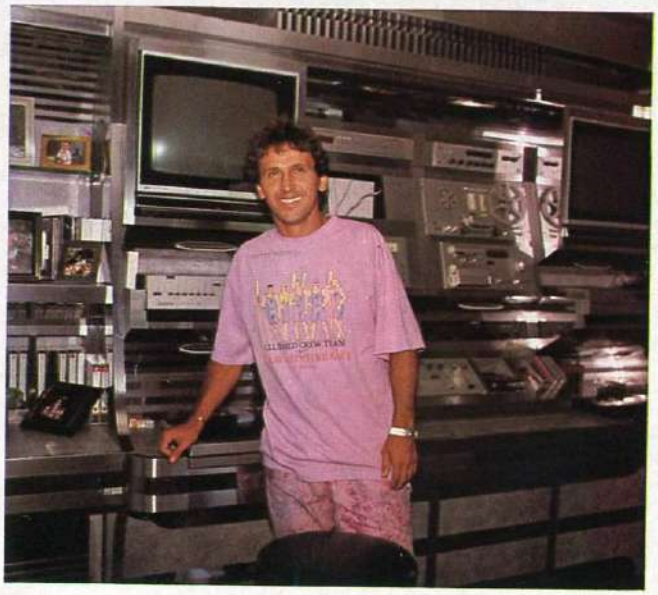
AOS domingos, quando todo mundo descansa indo ao Maracanã ou assistindo a tevê, Zico trabalha. Na segunda-feira, quando todo mundo vai para o trabalho mal humorado, Zico descansa. Os horários de Zico são pouco comuns quando comparados aos da maioria dos brasileiros. Ele pode acordar às oito ou ao meio-dia, depende. Depois, pode se divertir com os filhos na piscina, na mesa de futebol de botão ou batendo uma bola. Sai de casa e vai para o Flamengo treinar, bate uma bola de novo, faz musculação, toma banho e volta para casa. Parece moleza, né? Mas se fosse, os campos de futebol estariam cheios de Zicos. E qualquer um sabe a falta que um Zico faz para o futebol brasileiro de hoje. Logo, o Galinho tem alguma coisa de especial.

Arthur Antunes Coimbra, 36 anos recém-feitos, mundialmente conhecido como Zico, o supercraque de futebol, longe dos campos e do outro lado da telinha é uma pessoa extremamente simples, mas que não abandona sua maior característica ao vestir a camisa 10: o amor pelo esporte que lhe deu fama, dinheiro e muitas contusões.

Numa área de 3.000m² na Barra da Tijuca, Zona Sul do

Rio de Janeiro, onde mora, reservou um espaço generoso de grama para o seu campo de futebol particular, onde se diverte com os amigos e os três filhos. Tem também o vestiário, sala de troféus, algumas mesas de futebol de botão e muitos *posters,* fotos e fitas de vídeo onde o tema é sempre o mesmo: futebol.

O Zico de hoje se dá a alguns luxos e prazeres que o Arthur de Quintino pouco conheceu. Sua casa de dois andares tem cinco quartos, sala de vídeo com telão, sala de música, discoteca, sinuca e totó. Do lado de fora, antena parabólica, piscina com hidromassagem e bar, churrasqueira, sauna, horta e quatro carros na garagem (uma Caravan, um Toyota que ganhou no Japão, um



Na sua casa de dois andares e cinco quartos, Zico reservou uma sala para os troféus (em cima), outra para o telão de vídeo e uma para a discoteca. Do lado de fora, o campo de futebol (ao lado), onde joga com amigos e filhos, e a piscina com hidromassagem e um bar para as pessoas serem servidas sem sair da água.

Monza e uma Brasinca Mangalarga). Para manter tudo isso, caseiro, motorista, segurança, faxineira e cozinheira.

Vizinho de Sidney Magal, Roberto Ribeiro e do amigo Cláudio Adão, Zico tem outro dom artístico (porque todo mundo sabe que futebol é arte) que pouco exercitou. "Tenho bom ouvido e estudei piano durante um ano quando era moleque. Quando estava na Itália, estudei por mais quatro meses, mas quase não pratico mais." Hoje, o piano e o órgão que tem em casa são melhor manuseados pelos amigos músicos, especialmente Fagner, que junto com Dolabella, Bernard, Edinho e Cantarelli são as visitas mais comuns.

"Nunca deixei de fazer as coisas que gosto, como receber os amigos; afinal, uma das coisas boas da vida é fazer boas amizades", diz. Na sua festa de aniversário, recebeu 80 pessoas, que foram surpreendidas à uma da manhã com a chegada de 50 integrantes da Escola de Samba Beija-Flor. Na casa de Zico, vale o samba, futebol e amigos.

Apesar do conforto que desfruta, Zico não se apegou a essas facilidades. "Bem viver é estar em paz com a cabeça e a família, ter tranqüilidade no lar", resume. Quem o conhece, sabe que seu maior lazer é a

O melhor lazer para Zico é "curtir a família". Em cima, à direita, com a mulher, Sandra, e os filhos Bruno e Thiago. Ao alto, a sala principal e em cima a discoteca com um piano, mais usado pelos amigos músicos.

sua casa, pegar e levar os filhos na escola e nas aulas de ginástica, enfim, "curtir a família" A mulher, Sandra, e os filhos, Júnior, 11 anos, Bruno, 10, e Thiago, 6, são as maiores alegrias para Zico.

Ele e sua família moram na Barra da Tijuca há dois anos e, ao que parece, não devem se mudar tão cedo, afinal, a casa começou a ser construída quando eles ainda estavam na Itália. "Demoramos dois anos para construir e não temos a menor vontade de mudar", confirma Sandra. Dali, Zico pouco sai. Ele mesmo leva o carro na oficina, rega o campo de futebol e arruma a bomba de água da piscina. De vez em quando, pára e assina camisas do Flamengo ou dá autógrafos que amigos de conhecidos pedem.

Quando pode, vai à praia, na Barra mesmo, perto da barraca do Pepê, onde mantém uma rede de vôlei com o irmão Edu e alguns amigos há muitos anos. Este talvez seja o seu programa favorito nos dias de sol, com a família. À noite, pouco sai.

No momento, quando está fora de campo, as maiores preocupações de Zico são com o patrocínio para o time que formou, o Nova Geração, aberto a ricos e pobres, e o seu vídeo *Zico: Futebol para Quem Começa*, lançado dia 21 de março no II Festival Internacional de Vídeo. Ele também já está pensando na produção de um segundo vídeo, que será mais didático. Também em casa o videocassete é um dos passatempos de Zico.

O cotidiano de um gênio do futebol, como o de qualquer atleta de alto nível, é bastante regrado. Principalmente quando mora numa casa agradável, onde se diverte com a família, recebe amigos e exercita seu maior talento.

POR SELMO LEISGOLD

VIDEOTECA

A MALDADE SEM SAÍDA DE *LARANJA MECÂNICA*

Nada combina mais com a canção *Cantando na Chuva* do que chutes fortes na boca do estômago de um inocente agredido. Isso depois da cena marcante em *Laranja Mecânica*, filme de Stanley Kubrick, que catalisou o estado de espírito da cultura dos 70, assim como o fez *Gilda* nos anos quarenta. Por isso é atemporal. Não envelhece.

O ator inglês Malcolm McDowell, então com vinte e oito anos, interpretou o violentíssimo Alex, à frente de sua gangue de *drugs* (gíria, dentre muitas faladas no filme, criada pelo autor da estória, Anthony Burgess). Ele é magrela — até mesmo um pouco andrógino mas sua longa pestana postiça e o olhar irônico não deixariam Rambo tão seguro de si. Estupros e Beethoven preenchem os seus dias.

Stanley Kubrick produziu e dirigiu o filme com um fanatismo que se tornou marca registrada. Meses antes da relização de *Laranja Mecânica*, ele e McDowell conviveram muito, jogaram xadrez e pingue-pongue na mansão lon-

drina do cineasta, à procura das reações exatas que o ator deveria conferir às cenas.

Na filmagem da seqüência de lavagem cerebral do delinqüente Alex pela polícia, Kubrick ordenou que fosse injetada água destilada em McDowell, além do uso de presilhas (de fato) cirúrgicas em seus olhos, para mantê-los atentos às projeções de filmes violentos.

Outro trecho antológico é o confronto entre Alex — armado com um enorme falo — e a personagem Mulher dos Gatos (Miriam Karlin), munida de uma estátua de Beethoven. Kubrick rodou a cena sozinho, com a câmera na mão, em ângulo de 360°. felinos apavorados saíam do caminho do cineasta, que girava veloz, se desviando das aparelhagens de ginástica espalhadas pelo cenário. O resultado é rascante.

Sangue — nos jornais e no cinema nunca falta. A diferença entre *Laranja Mecânica* e qualquer outro tipo de ficção ou fato violento (como por exemplo em *O Iluminado* e *Nascido para Matar*, do mesmo Kubrick) é que, no filme, ela não se mostra com algo a ser apreciado ou examinado, mas de um jeito tal que todo mundo a reconhece na própria carne.

Stanley Kubrick não inventou nada, apenas visitou o instinto humano (ou pulsão) como ninguém no cinema. Isso repele. E atrai. Lançamento Warner Home Video.

Stanley Kubrick produziu e dirigiu *Laranja Mecânica* com um fanatismo que se tornou uma marca registrada.

RENAN
A CONQUISTA DA ITÁLIA

Por OSWALDO SALOMÃO • Fotos de RAUF TAUÏLE

O gaúcho (de São Leopoldo) Renan Dal Zotto, 29 anos, é só alegria. Ele é um dos astros da equipe de vôlei do Maxicono, que acaba de levar para a Itália o Campeonato Europeu de Clubes. Além disso, está vivendo uma lua-de-mel à italiana com a catarinense Analiza, que fisgou o ídolo mais assediado do vôlei brasileiro.

ELE ELA — Você agora é um astro internacional, campeão europeu de voleibol pelo Maxicono, da Itália. O que representa isso?

Renan Para mim, foi maravilhoso conquistar este título, foi uma emoção diferente em minha carreira. Bacana, isso, você sair do Brasil para ser campeão da Europa. Tem momentos que fico namorando a medalha que recebi pelo título, com a inscrição de *campeão europeu* gravada no verso. Uma medalha dessas não tem preço. Só que meu desafio, mesmo, é ganhar o *Scudetto*, o campeonato nacional, que os italianos consideram mais importante do que qualquer outro título, inclusive o olímpico.

— Você já é ídolo na Itália?

Ainda não tenho na Itália a mesma projeção que alcancei no Brasil. Longe disso. Fui muito bem recebido em Parma, em função de minhas boas atuações pela Seleção brasileira em Seul. Eu assinei contrato com o Maxicono, no ano passado, antes da Olimpíada, e até então pouca gente me conhecia na Itália. Os próprios diretores do Maxicono não tinham uma idéia exata do meu voleibol e ficaram numa expectativa danada quanto ao meu rendimento técnico em Seul, principal-

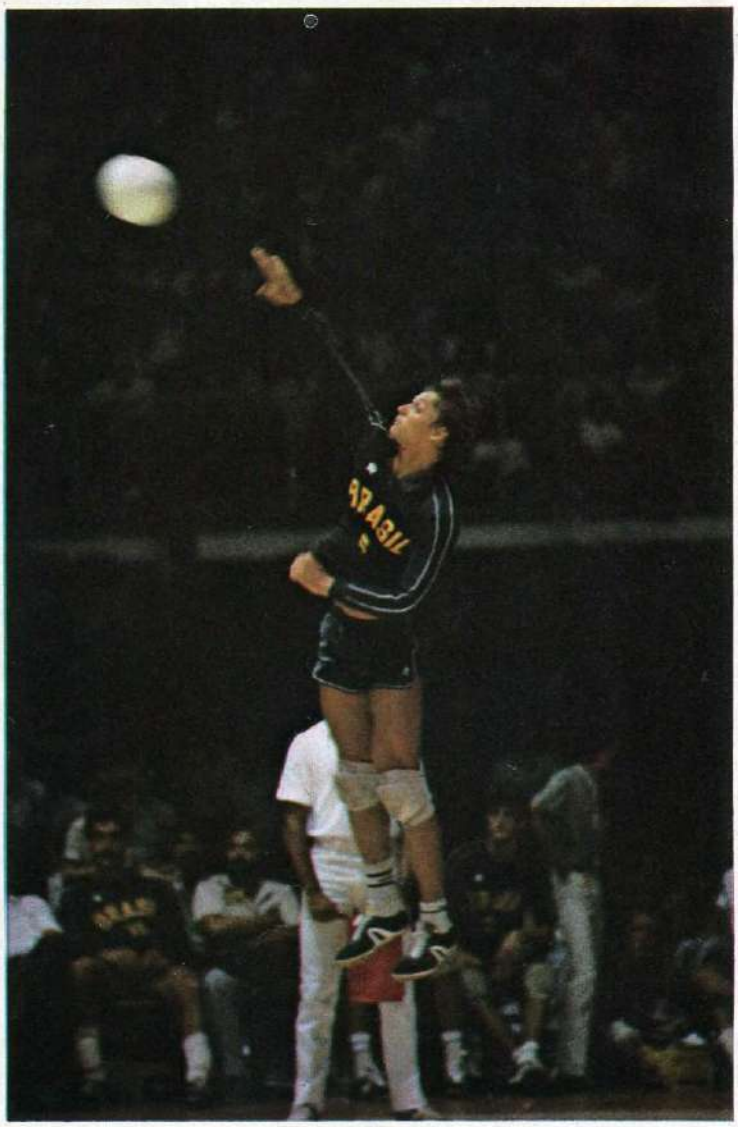
mente em razão de minha altura de 1,90m ser considerada baixa no vôlei atual. Os italianos temiam levar para Parma um baú sem alça. Mas até agora estou dando conta do recado direitinho, fazendo bonito, e ainda conto com o apoio e o carinho da torcida local, que para me incentivar tem comparecido aos nossos jogos, agitando a bandeira brasileira.

— E o que mudou na sua vida?

— O que mudou, de fato, em minha vida, nesses sete meses em que estou atuando na Itália, foi o fato de que estou curtindo uma fase bem mais tranqüila, longe daqueles dias agitados e corridos que normalmente faziam a minha rotina no Brasil. Hoje, praticamente vivo de casa para o ginásio e do ginásio para casa. A gente treina muito em Parma, em dois períodos, de 9h às 11h30min da manhã, e de 5h da tarde às 8h da noite. O pouco tempo que me sobra passo ao lado de minha mulher, Analiza. Quando me transferi para o Maxicono, me desfiz de todos os meus negócios comerciais no Brasil, que incluíam uma loja de artigos esportivos e uma empresa de promoção e publicidade, ambas em Porto Alegre, além do restaurante de comida natural que eu mantinha na cidade gaúcha de Tramandaí. Diga-se de passagem que todos esses negócios estavam indo muito bem, obrigado. Fiquei apenas com os contratos de patrocínio com a Rainha e a Company, além dos direitos que recebo pelo uso de meu nome na bola de vôlei fabricada pela Goppe, de Porto Alegre. Agora mesmo, no III Campeonato Mundial de Vôlei de Praia, no Rio, vesti artigos da Company o tempo inteiro, e tenho usado os uniformes da Rainha, na Itália, como forma de divulgar essa marca brasileira no exterior.

— O vôlei italiano é um esporte que paga aos seus principais atletas salários tão milionários quanto os do seu futebol?

Longe disso. Neste ponto o basquete italiano é que se aproxima mais do futebol. O Oscar, por exemplo, recebe do seu clube (Snaidero de Caserta) cerca de 300 mil dólares por temporada. Nosso contrato não chega a tanto. Eu assinei com o Maxicono por dois anos e, para ser sincero, não fui para a Itália ganhando muito mais dinheiro do que no Brasil. Fiz mais uma opção, mesmo. Meu sonho sempre foi o de jogar voleibol na Europa, principalmente na Itália, que tem o maior campeonato do mundo. Cada equipe italiana pode atuar com dois atletas estrangeiros e eu me orgulho de fazer parte de um dos melhores times do país. Não foi a grana que pesou na minha decisão de sair do Brasil. Lógico que também não fui no prejuízo. Fiz um bom contrato, de que prefiro não divulgar as bases, e estou muito feliz por desfrutar na Itália de uma experiência de vida muito rica em todos os sentidos.



Um dos nomes sagrados da história do nosso voleibol, Renan hoje mostra o seu talento para os italianos de Parma, mas cada novo sucesso que alcança em sua carreira não deixa de ser uma surpresa para ele: "Coisa do destino."

Você teve atropelos mais graves de adaptação fora — e dentro — das quadras italianas?

Na quadra, o pior já passou, pois agora estou dominando melhor o idioma italiano e me entendendo mais rapidamente com os meus companheiros, principalmente nas partidas, onde você não tem tempo de parar para pensar sobre como *cantar* em italiano esta ou aquela jogada. Mas no meu primeiro mês em Parma foi uma barra, houve jogos em que eu entrava em completo desespero, tentava me comunicar com a equipe e simplesmente não conseguia. E minha responsabilidade não era pouca. Afinal, o Maxicono havia me contratado para substituir um dos maiores jogadores do mundo, no momento, o sueco Gustavsson, que havia assinado um contrato bilionário para jogar na Grécia. Agora, fora da quadra, não consigo me acostumar de jeito nenhum com a *nebia* que ataca a cidade de Parma quase que diariamente no inverno, uma coisa impressionante, você simplesmente não enxerga nada a 10 metros na sua frente. Você nunca vê o céu, o sol, então nem se fala. Aí tudo pára na cidade, os ônibus não andam, os aviões não decolam, você tem que mudar todo o seu programa de uma hora para a outra, você se desgasta psicologicamente, se irrita bastante, quando não entra num baixo astral de cair na maior fossa.

— Então, você não gosta de Parma?

— Gosto muito. Deixando a *nebia* de lado, a cidade é maravilhosa. O inverno é absolutamente suportável, tudo é aquecido, as casas, as lojas, o ginásio. Fizemos boas amizades em Parma, temos uma atenção toda especial daquela gente, foram muitos os presentes que recebemos de casamento, sem contar que todas as noites temos um convite para jantar aqui e ali. Tem vezes que eu e Analiza queremos ficar sozinhos, mas o pessoal não deixa, comparece, todos nos dão a maior assistência. Parma é uma cidade muito bem localizada, fica no Norte da Itália, sendo caminho natural para tudo quanto é lugar e próxima a centros importantes como Bolonha, Milão ou Venezuela. Estamos a apenas duas horas de carro de Montecarlo, na França. O voleibol italiano praticamente se limita àquela região, jogamos aos sábados e terças, tudo pertinho, para as outras cidades você viaja de ônibus mesmo, não precisa andar de avião. É uma cidade pequena, com apenas 180 mil habitantes, mas tem uma vida cultural muito intensa, sendo a terceira cidade mais rica da Itália. Lá estão instaladas grandes empresas como a Parmalati (que patrocina o futebol do Roma) ou a própria Maxicono, que vem a ser a maior fábrica de sorvetes do país, tipo da Kibon brasileira. Come-se muito bem em Parma, sendo mundialmente famoso o seu presunto, o *prosciutto crudo*. Mas estou tendo muito cuidado com minha alimentação, evitando comida pesada, até porque fui para Parma já sabendo que a maioria dos atletas brasileiros que jogaram na Itália teve problemas de aumento de peso por não resistir à tentação da mesa italiana. Assim, a primeira coisa que fiz foi trazer para Parma a *secretária* Teresinha, que trabalhou muitos anos na casa de minha mulher, Analiza, e que, sinceramente, é uma cozinheira que ganha nota 10 em todos os quesitos. A gente faz uma comida tipicamente brasileira, sempre que possível tem alguém trazendo feijão do Brasil para mim, adoramos também frutas e saladas — enfim, temos uma alimentação bem balanceada.

Com tanta boa vida, ainda dá saudade do Brasil?

— Dá muita saudade do Brasil. Sinceramente, o Brasil tem mil problemas, mas não o troco por país nenhum do mundo. Eu e Analiza sempre estamos transando coisas novas para não bater aquele desespero, aquela vontade de voltar. A gente viaja muito, dentro da Itália mesmo. Analiza é muito interessada em conhecer museus, catedrais, ela também, sempre que possível, me acompanha em viagens que faço a outros países com o Maxicono, e adorou visitar Moscou quando fomos enfrentar o Dínamo, pelo Campeonato Europeu. De qualquer forma, Analiza também tem os seus afazeres, estuda inglês, faz balé, no meio do ano começa um curso de administração de empresas na Universidade de Parma, e tem recebido propostas para trabalhar em Milão como modelo, uma atividade que ela já tinha no Brasil. Só que Analiza não sabe ainda se pega ou não, de casa até Milão são quase duas horas de ônibus, e de repente fica muito desgastante você ter que ir e voltar todo dia.

— Estamos falando de sua vida na Itália e você só fala em Analiza... Vocês estão recém-casados, praticamente em lua-de-mel... O casamento mudou muito a sua vida?

— Se mudou, foi para melhor, pois até agora só vejo coisas boas no casamento. Eu estou adorando a vida de casado, e acho que quando duas pessoas são inteligentes e se amam, os problemas conjugais que por acaso possam surgir são perfeitamente superáveis com uma boa conversa, franca e honesta. Engraçado é que eu nunca tinha pensado em me casar. Apostava que esse negócio de casamento não era comigo. Eu tinha uma vida muito agitada dentro e fora do esporte. Mas é aquela história, quando pinta o amor, não tem jeito, você acaba entregando os pontos. Analiza apareceu numa época difícil de minha vida, eu estava muito carente, talvez em razão de uma instabilidade afetiva, vivia mil problemas na Seleção brasileira que começava a se preparar para a Olimpíada de Seul. Foi com ela que encontrei forças para superar minhas crises. Ela me transmitiu uma energia muito grande, embora seja uma moça bem novinha, 11 anos mais jovem do que eu. Analiza é uma pessoa muito carinhosa, atenciosa, muito especial. Eu comecei a gostar rapidinho dela. Nós nos conhecemos no verão de 1988, no Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, e pouco tempo depois já estávamos namorando, pois descobrimos que tínhamos a maior afinidade. O casamento pintou na véspera de Natal. Não sei, tem certas pessoas que lhe pegam pelo jeito, pelos movimentos que fazem, por aquele sorriso na hora certa.

Você teria se transferido para a Itália sozinho, deixando Analiza no Brasil?

Sinceramente, não. Caso não fosse possível a gente se casar logo, até porque havíamos nos conhecido há pouco tempo, eu teria permanecido no Brasil, ao seu lado. Então tive que conciliar tudo, porque Analiza é uma menina de família, não é daquelas que você vai pegando e levando. Eu gostei dela exatamente por isso. De qualquer forma, ela me deu a maior força para que eu fosse jogar na Itália, e no fim tudo se resolveu bem. Tenho a certeza de que encontrei a pessoa certa, que será minha mulher para sempre.

O amor eterno enquanto dure?...

— Lógico que todo casamento está sujeito a terminar um dia, por que não? Ninguém é obrigado a ficar com alguém que não queira. Qualquer contrato que se faça tem direito a rescisão. E o casamento não é diferente. Mas eu penso de uma outra maneira. Se você casou, está casado, pronto e acabado. Por isso é que eu digo sempre: antes do casamento, faça chover canivete. Depois, não. Depois você tem que viver só para a sua mulher. Eu aproveitei bem minha vida de solteiro, fiz tudo a que tinha direito, não me arrependo de nada. Foi ótimo enquanto durou. Agora o papo é outro. Porque no casamento nenhum problema é insolúvel. Precisa haver acima de tudo dois pontos fundamentais: respeito e amizade. O sexo também é importante, mas não é o principal fator de união de um casal. Mesmo porque eu sou inteiramente a favor de que as pessoas se relacionem sexualmente antes de se casar.

Mas você sempre foi, entre todos os atletas do vôlei, o mais cotado entre as meninas. Pode-se dizer até que você é um mito sexual. Como é que ficou esta história depois do casamento?

— Não mudou nada, porque eu sempre dei a maior atenção para as meninas, mas sem segundas intenções. Eu curto muito isso, acho o maior barato este espaço que você conquista junto ao público, e não vejo motivos para proceder de forma diferente. Analiza não reclama de nada, ao contrário, ela me dá a maior força, me obriga a responder às cartas das fãs, ela se sente até orgulhosa com o assédio das meninas nas quadras ou nas ruas. Antes assim, senão ia ser uma barra.

— Qual a idéia que um cidadão comum de Parma tem do nosso país?

É a pior possível. Um dia entro no nosso ginásio para treinar e sou recebido pelos meus colegas com a notícia de que um barco (*Bateau Mouche*) havia afundado no Rio, deixando mais de 50 mortos, num acidente criminoso. No outro dia, são os meus vizinhos que me procuram querendo explicações sobre por que na Amazônia, os índios, os animais e a floresta estão sendo dizimados e o nosso governo não faz absolutamente nada. Sem contar o covarde assassinato do seringueiro Chico Mendes, que também repercutiu muito na Europa. Numa outra hora, fico

sabendo que a mãe de um rapaz amigo meu, morador de Parma, havia ameaçado se suicidar caso o seu filho resolvesse de fato visitar o Rio de Janeiro, onde ela temia que ele fosse assaltado e morto. São só essas as notícias do Brasil que chegam a Parma violência e tragédia. A gente tenta explicar que no Brasil nem tudo é assim, mas eles não são bobos, não. O carnaval carioca deste ano foi retransmitido para a Itália pela Rede Montecarlo, mas na cidade de Parma eles não têm a mínima simpatia pela nossa festa, que consideram baixaria brava, com drogas, putaria e agressões. Para os italianos, o verdadeiro carnaval é o que eles promovem, onde as pessoas brincam e se divertem, sem violência e pornografia. Eu fico chateado, mas que posso fazer?

— Provavelmente, teremos uma chance de começar a reverter este quadro com a escolha pelo povo de nosso próximo presidente da República. Qual é o seu candidato?

Ainda não tenho uma opinião formada a este respeito, quero estudar bem as diversas propostas que serão lançadas, porque, de repente, o meu voto pode mudar alguma coisa. Eu até não curto muito política, não, já é próprio do brasileiro este comportamento acomodado em relação à política. Mas eu vou fazer o possível para estar no Brasil em 15 de novembro, quero ver e viver esse momento de perto.

— Em que nível você encontrou o voleibol italiano?

— Sem dúvida que promovendo o melhor, o mais empolgante e o mais disputado campeonato de todo o mundo, a exemplo do que acontece com o seu futebol. Todos os times que disputam o *Scudetto* são de empresas, com o detalhe de que, além da série principal (Série A), existem outras quatro inferiores, todas com acesso e descenso de dois clubes. Os maiores jogadores de vôlei estão hoje na Itália. Eles praticamente importaram toda a seleção americana, bicampeã olímpica, e o time inteiro da Argentina que foi medalha de bronze em Seul. O coreano Kim, o melhor levantador do mundo, de apenas 1,60m de altura, joga no time da Benetton, de Trevisa, enquanto o excepcional levantador russo Zaitsev é companheiro do cortador americano Buck Craig na equipe do Oleoventuri, da cidade de Espoletto. Eu só não entendo como a seleção nacional deles não tem uma força técnica proporcional ao alto nível do campeonato. Porque a Itália tem uma elite de grandes atletas da casa. Talvez o problema seja que o campeonato italiano dura oito meses, e o pouco tempo que sobra vai para a seleção, quando os jogadores já estão estafados e querendo curtir suas férias. Daí que os principais atletas deixam a seleção de lado, ao contrário do que acontece no Brasil, onde lutamos o ano inteiro para chegar ao escrete e competir numa Olimpíada, num Mundial.

"Analiza apareceu numa época difícil de minha vida. Eu estava carente e vivia mil problemas na Seleção que se preparava para Seul."

Quais são as chances do Maxicono levar o *Scudetto* nesta temporada?

— Nosso time está crescendo a cada jogo, ganhando força, conjunto e determinação. Levo fé que em pouco tempo irá pintar como um dos melhores do mundo. O time é muito jovem e por isso tem uma vitalidade incrível. Eu e o americano Dusty Dvorak (30 anos) somos os mais velhos. O resto é tudo 18, 19 anos. Nosso treinador, o Gian Paolo Montali, tem apenas 28 anos, e aposto no seu sucesso e no seu nome para a seleção, por ser uma pessoa estudiosa, interessada e competente. O bloqueio e o ataque são os pontos fortes do Maxicono, que também conta com o Zorzi, melhor jogador da Itália.

— Qual é a sua função na equipe do Maxicono?

No Brasil sempre fui um jogador de fundo de quadra, na mesma posição do Xandó. Atacava a maioria das bolas, estava na rede o tempo todo, acho que em cada partida eu saltava mais de 100 vezes fácil, fácil. E o pior é que pela minha baixa estatura eu era obrigado a forçar o salto toda hora. Eu me desgastava muito. Na Itália eu tenho um papel totalmente diferente. Eu recepciono em qualquer das seis posições e só ataco na segunda bola. Para mim, esta mudança foi um presente do céu. Economizo bastante energia — e ganho com isso pelo menos mais dois anos de voleibol.

— No Campeonato Mundial de 1990, no Brasil, Renan estará na Seleção?

— Não sei, depende do Bebeto de Freitas. Se ele ainda for o técnico até lá e quiser contar comigo, é só me convocar que irei com o maior prazer, desde que eu esteja bem de cabeça, bem técnica e fisicamente. Seja quem for o treinador, que ele chame os melhores, pois precisamos muito deste título e não podemos decepcionar a torcida brasileira em nossa casa. De qualquer maneira, acho que a Seleção deve mesclar a experiência de atletas da minha geração com as novas feras que estão surgindo em nosso voleibol. É uma garotada que está vindo com tudo, com muita determinação, que foi o principal motivo do nosso sucesso, e, principalmente, com altura, coisa que não tínhamos e que sempre nos prejudicou nas grandes decisões internacionais. A técnica deixa por conta de um mestre no assunto: Bebeto de Freitas.

— Depois de tantos títulos conquistados no Brasil e no exterior, o atleta Renan ainda tem alguma dívida para quitar consigo mesmo?

— Tenho, sim. Eu continuo com o sonho de ser um campeão olímpico e ganhar a medalha de ouro. Em Los Angeles ela esteve em nossas mãos, mas foi parar no peito dos americanos. Em Seul, o Brasil não merecia mesmo uma posição melhor do que o quarto lugar. O grupo foi até longe demais para o pouco tempo em que treinou junto. Eu já tenho uma medalha olímpica, a de prata. Falta a de ouro. E eu vou buscá-la, seja ainda como jogador ou mais tarde, atuando em outra função no voleibol — quem sabe como técnico.

DO LEITOR

GATÍSSIMAS

"ELE ELA está de parabéns pela publicação do melhor da *Penthouse* — que, diga-se de passagem, começou com o pé direito, mostrando a deliciosa Ginger, fotografada por Bob Guccione — n.º 235." Raimundo Nonato Soares Ribeiro, Rio Branco AC

"Bob Guccione soube aliar ousadia e arte em suas fotos com a modelo Ginger, que mostram claramente o verdadeiro nu frontal, e não apenas os pêlos pubianos — que são todos iguais. A maravilha dos lábios vaginais das fotos de Ginger comprova que uma mulher é diferente da outra em tudo, inclusive em relação aos próprios lábios da boca, alguns mais sensuais, outros mais carnudos ou pequenos etc. O que mais desejamos ver nas ditas revistas masculinas é a real intimidade de uma mulher dos nossos sonhos, sem que necessariamente as fotos sejam pornográficas ou ginecológicas." Pedro Claret Eymard, Belo Horizonte MG

"Embora tenha achado os ensaios de Ginger e de Cláudia Marcela maravilhosos, senti falta de fotos com seus respectivos bumbuns — uma falha imperdoável que precisa ser reparada." Marcelo Maimeri, São Bernardo do Campo — SP

"Adorei a edição de janeiro, n.º 235. A gata Cláudia Marcela é fenomenal (fotos Nilton Ricardo produção João Wagner). Pena que foram poucas as fotos publicadas. Cláudia merece um *replay*. Sugiro também um novo ensaio com Cristina Azul e Sônia Teixeira." *Golly, Cananéia SP*

"Fiquei extasiado com as fotos da gatíssima Bia Belocchio (por Austin Legrew), n.º 234. A moça é gostosa demais!" *Roberto F. da Silva, São Paulo — SP*

CLÁUDIA MARCELA

"Sugiro um ensaio com três gatas para ninguém botar defeito: Bruna Lombardi, Tássia Camargo e Paula Toller. Aliás, quanto à publicação das fotos da Paulinha, garanto que ELE ELA tem uma lista interminável de leitores que aguardam ansiosamente este prêmio." *Elmário Bernabel Ferraz, Maragogi AL*

"ELE ELA começou o ano de 1989 com nota 10. Foi um prazer rever nas páginas da revista a minha conterrânea Lílian Ramos, que estava deliciosa. As reportagens também estavam excelentes, destacando-se a entrevista com Martin Scorsese (por Randy Lawson, tradução de Alexandre Raposo), e *O que os Cinco-Estrelas Têm de Especial* (por José Alberto Monteiro, reportagem de Mônica Martínez e Simone Alecrim)." *Antônio Cardoso, Fortaleza CE*

"Fiquei alucinado de desejo e de tesão com as fotos da deliciosa Kascha — n.º 236 (por Suze Randall). Sua beleza selvagem é apaixonante, seus seios e seus lábios vaginais são verdadeiras e tentadoras obras de arte. Dou nota 10 para este ensaio fotográfico, que, literalmente, balançou com a minha ca-

KASCHA

beça." *Rico A. Domingues, Salvador — BA*

"ELE ELA está de parabéns por nos brindar com o melhor da *Penthouse*, que, sinceramente, é imbatível em matéria de nu feminino, unindo com maestria arte e erotismo. As fotos de Kascha comprovam o que digo." *Marcos César de Andrade, Ponta Grossa PR*

"O Chacrinha se foi, deixando muitas saudades, entre as quais as imagens das chacretes, as mulheres mais sensuais da TV brasileira. Assim, gostaria de ver publicado em ELE ELA um ensaio fotográfico com as chacretes Gracinha Copacabana, Sandra Toda Pura, Cristina Azul, Ester Bem-Me-Quer e Mary Ângela. Afinal, elas ainda merecem, elas merecem..." *Pedro Homero Martins, Aracaju SE*

LILIAN RAMOS

IMPÉRIO DOS CHEIROS

Gostaria de enaltecer a magnífica reportagem *O Império dos Cheiros* (por Pamela Weintraub, tradução e condensação de Alexandre Raposo, ELE ELA n.º 230). Sinceramente, este artigo me emocionou muito. Continuem assim." *Adão Roque da Silva, Manhuaçu MG*

LE MANS

"Quero fazer um reparo — ainda com atraso — ao texto da história das 24 Horas de Le Mans, publicada no *Tira-Gosto* de ELE ELA n.º 229. Aí se fez uma injustiça a Juan Manuel Fangio. O grande piloto argentino nunca correu em Le Mans. O acidente que vitimou 82 pessoas em 1955 foi protagonizado pelo francês Pierre Levege." *Agostinho Casari, São Paulo SP*

NOITE DE GALA NO GALLERY PARA OLIVA

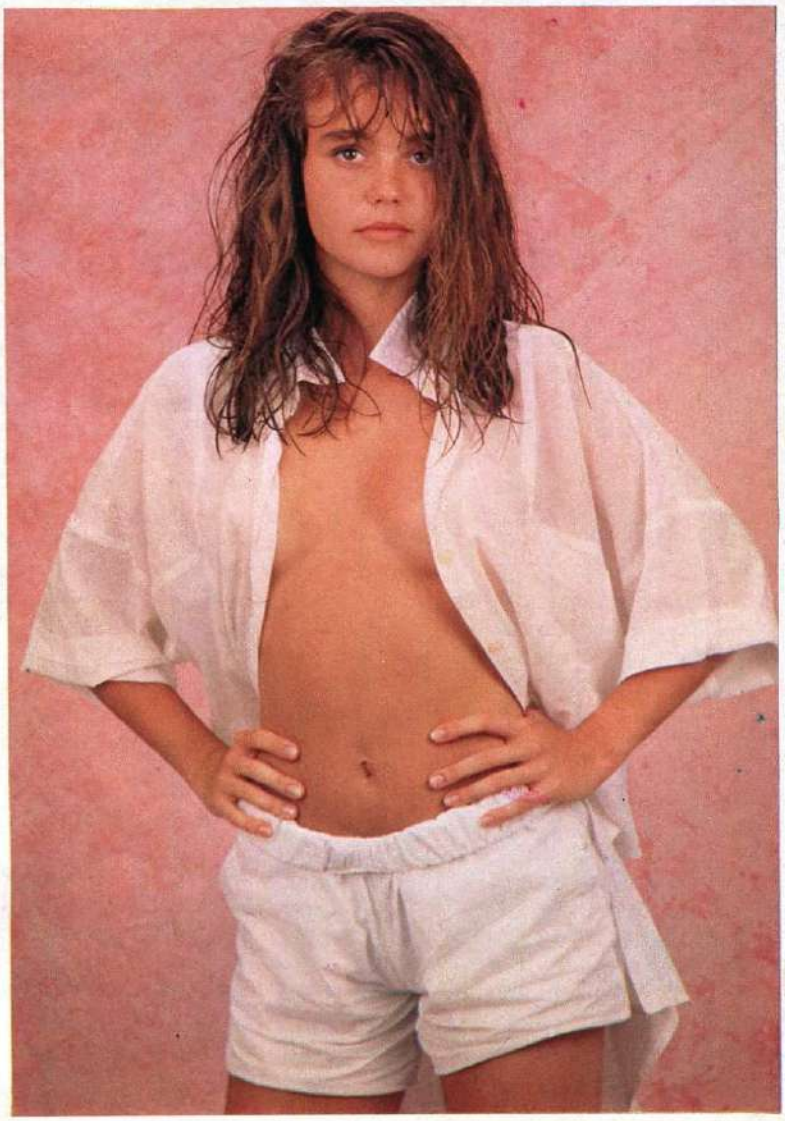
O sempre elegante Gallery, em São Paulo, esteve numa de suas noites mais brilhantes na comemoração do aniversário de José Vítor Oliva, o *gentleman* que é um dos proprietários da casa. Gente da sociedade paulistana e carioca marcou sua presença, e lindas mulheres deram ainda mais colorido à festa. À direita, ao lado da beleza estonteante de Vanessa de Oliveira, o *new look* de Hortência, a craque do basquete e noiva de José Vítor. Embaixo, à esquerda, bem-acompanhado, o apresentador Nei Gonçalves Dias; e, à direita, o *promoter* Odárcio Oliveira Ducci com a Miss Beleza Internacional, Elizabeth Ferreira da Silva.

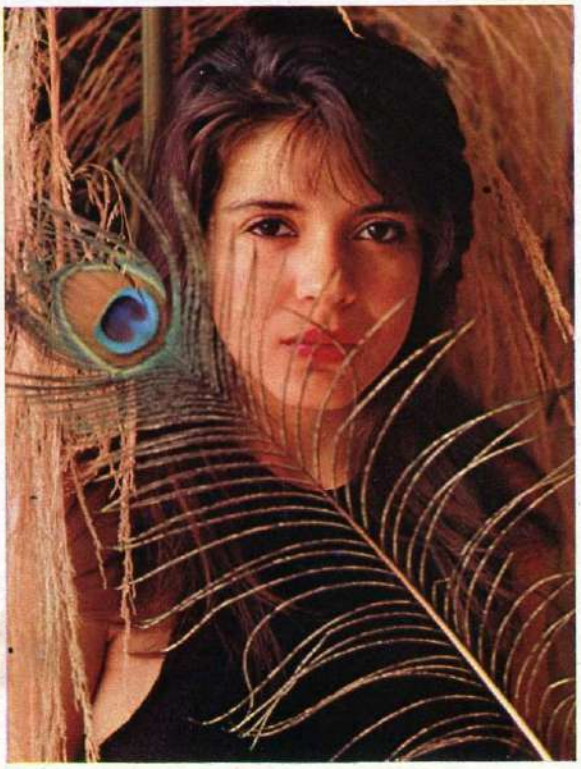
UMA FESTA NO PALACE PARA HOMENAGEAR SIDNEY PEREIRA

O Palace Club, no Rio, abriu suas portas para receber os muitos amigos de Sidney Pereira, diretor da casa e uma das mais poderosas locomotivas da vida noturna carioca. Na foto mais à esquerda, Chico e Vera Recarey (voltando da Europa), com Eliana Moura. Ao lado, o homenageado, Sidney Pereira, recebendo os cumprimentos de Martha Rocha e Roberto Pires.

AS NOVAS (E BELAS) FACES DA TELINHA

A hora e a vez das gatinhas. De repente, uma invasão de rostos novos e bonitos toma conta da tela da tevê em todas as redes. É uma safra de jovem beleza, conquistando seu espaço, substituindo caras ultrapassadas. Nas novelas, nos *shows*, nos humorísticos, no telejornalismo, há um saudável fenômeno de renovação. Suzy Rêgo (a Alice Cintra de *O Salvador da Pátria*), Angélica (o novo fenômeno da comunicação), Flávia Monteiro (de *Vale Tudo* e *A Menina do Lado*) e Mara (a baianinha da TVS) têm em comum, além da juventude, uma irresistível vocação para o sucesso.





MARCELÃO, O LIBERADO

ele ela

ELE ELA — DIRETOR EXECUTIVO: Lincoln Martins. DIRETOR RESPONSÁVEL: Murilo Melo Filho. REDAÇÃO: Sérgio Costa (chefe), Oswaldo Salomão, Marcos Tardin e Henrique Koifman. DIRETORA DE ARTE: Maria Joaquina Fernandes. MODA: Alberto Simões de Faria. FOTOGRAFIA: Paulo Reis e Indalecio Wanderley. DIAGRAMAÇÃO: Jorge de Carvalho, Claudio David Rawicz e Wellington dos Santos Pereira. PRODUÇÃO: Carlos Afonso de Lima. DEPARTAMENTO COMERCIAL BLOCH EDITORES: David Klajmic. PUBLICIDADE: Roberto Antunes. PROJETOS ESPECIAIS: Fernando Câmara Cascudo. RIO DE JANEIRO: Italo Gargiulo. ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E CIRCULAÇÃO: Rua do Russell, 804 — Tel.: 265-2012 — Telex: (021) 21525 — Rio de Janeiro. PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 520 — Lucas — Tel.: 391-6000 — Rio de Janeiro — Telex: (021) 22751. DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Imprensa Ltda. — Rua do Resende, 100 — Tel.: 221-3022 — Rio de Janeiro. BRASÍLIA: Roberto Wagner Monteiro. *Publicidade*: Regina Coeli — Setor de Indústrias Gráficas — Quadra 1, Lote 939 — Tel.: 321-5411 — Telex: (061) 1058. SÃO PAULO. Diretores: Pedro Jack Kapeller e Salomão Schvartzman. COMERCIAL: Paulo Poucinha. PUBLICIDADE: Carlos Alberto Forgiarini. PUBLICIDADE E ADMINISTRAÇÃO: Rua 24 de Maio, 35 — 11.º andar — Tels.: 221-2810, 223-0292, 223-0384 e 223-9768 — Telex: (011) 32763 BLOC BR. REDAÇÃO: Av. Rebouças, 1.955 — Tel.: 282-3122. MINAS GERAIS: Lúcio Portella — Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar — Tel.: 273-3900 — Belo Horizonte — Telex: (031) 1058. RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallau Júnior — Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar — Tels.: 24-4744 e 25-4972 — Porto Alegre — Telex: (051) 1042. PERNAMBUCO: Helder Lopes — Av. Dantas Barreto, 498 — 2.º e 3.º andrs. — Tels.: 224-0585 e 224-0454 — Recife — Telex: (081) 1084. CEARÁ: Augusto Cesar Benevides — Av. Antonio Sales, 2.666 — Aldeota. Tel.: (085) 244-9066. Telex: (085) 1665 — Fortaleza. BAHIA: Av. Tancedo Neves, 148 — Centro Empresarial Iguatemi — Bloco A — Salas 202 e 203 — Pituba — Tel.: (071) 358-6055 — Salvador — Telex: (071) 1214. PARANÁ: Jose Schlapak — Rua Mal. Deodoro, 211, 8.º andar, conj. 806 — Tel.: 224-8263 — Curitiba — Telex: (041) 5202. NOVA IORQUE: Sérgio Alberto da Cunha — 820 Second Avenue, suite 1.100 — New York, NY. 10.017 — Tels.: (212) 751-6605 e 986-2470 — Telex. (23) 261511 BLOCH UR. Fax Manchete-NY (212) 986-2934. PARIS: Sylvio Amaro da Silveira — 205, Avenue Gambetta — 75.020. Paris — Tel.: 436-25109. MILÃO: Daisy Benvenuti — Via del Bollo, 3 — Milano, 20121 — Italia — Tel.: 87-4007. TOQUIO: Angel Esteves Dominguez — 1-10-11 — Higashigotanda — Shinagawa-Ku — Japão — Tels.: 445-4375 e 445-4383 — Telex: J32777 (TK00448)

• Assinatura anual para o Brasil, NCz$ 24,00. Os pedidos de números atrasados só serão atendidos mediante pagamento antecipado. Envie um cheque nominal ou vale postal a Bloch Editores S.A., Rua do Russell, 766 — CEP 22.214 — Rio de Janeiro (RJ). Nos números atrasados, o valor de cada exemplar será correspondente ao preço da edição em circulação nas bancas. Ninguém está autorizado a vender assinaturas desta revista.

IVC

Rastro
Conteúdo 120 ml
Net Cont. 4.05 Fl Oz
Rastro
CONTEÚDO 120ml
Rastro
aproxima as pessoas
Colônia, Talco, Desodorante, Desodorante Íntimo, Sabonete, Shampoo, Condicionador, Fixador e Lenço Colônia.
SIPARIO

A emoção de dar

MONDAINE

CONHEÇA O AMAZONAS PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

ARTIS